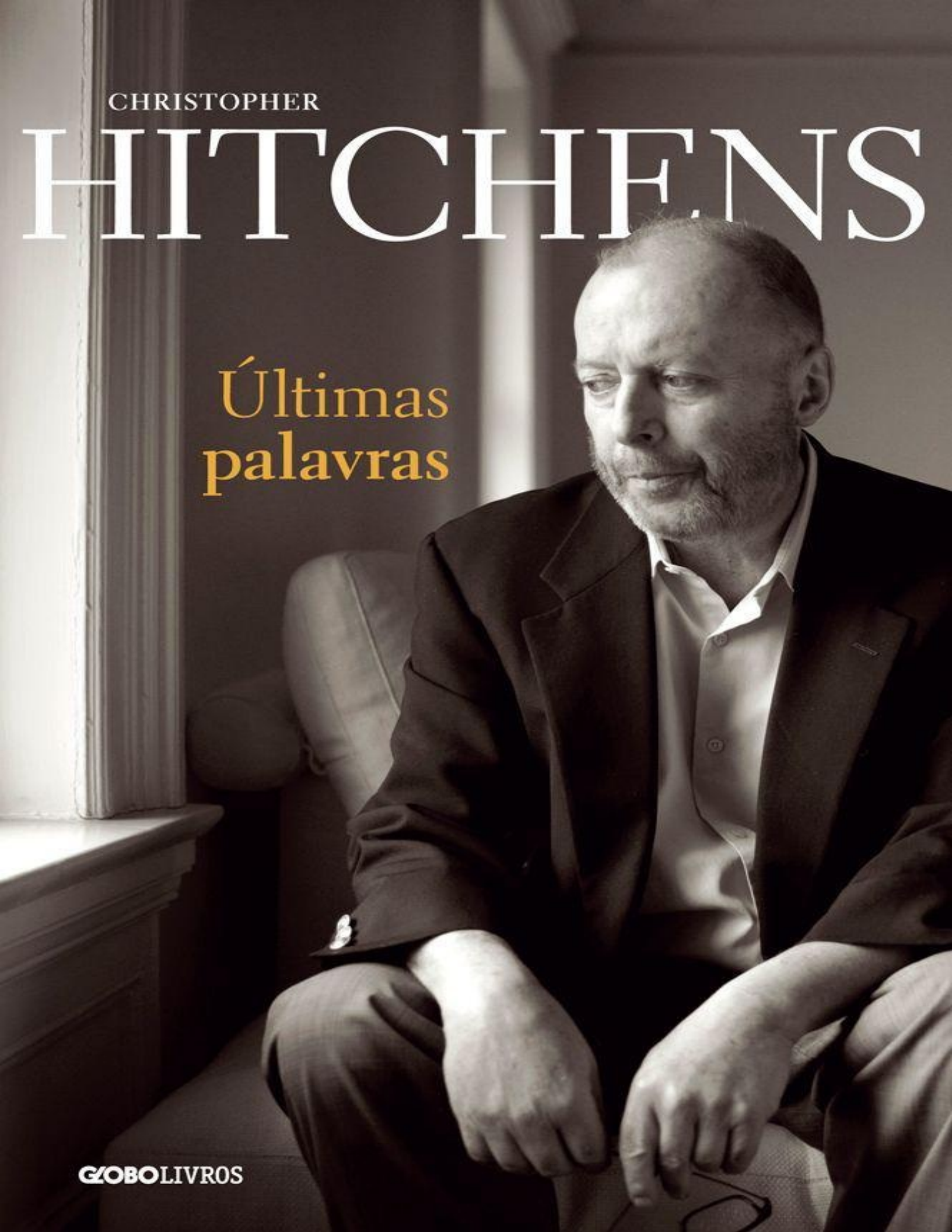
CHRISTOPHER
HITCHENS
Últimas
palavras
GLOBOLIVROS

Últimas palavras

Christopher Hitchens

Últimas palavras

Tradução:
Alexandre Martins

Prefácio de Graydon Carter
Posfácio de Carol Blue

GLOBOLIVROS

Copyright © 2012 by Editora Globo S. A. para a presente edição
Copyright © 2012 by Christopher Hitchens

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – por qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Título original: Mortality
Editor responsável: Aida Veiga
Assistente editorial: Elisa Martins
Preparação de texto: Silvio Fudissaku
Revisão: Ana Tereza Clemente e Carmen T. S. Costa
Diagramação: Crayon Editorial
Design de capa: Andrea Vilela de Almeida
Imagem de capa: Latinstock/© Brooks Kraft/Corbis/Corbis (DC)
Editor digital: Erick Santos Cardoso
Produção para ebook: S2 Books

1ª edição, 2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hitchens, Christopher, 1949-2011.
Últimas palavras / Christopher Hitchens ; tradução Alexandre Martins ; prefácio de Graydon Carter ; posfácio de Carol Blue. -- São Paulo : Globo, 2012.

Título original: Mortality
ISBN 978-85-250-5295-7
561kb; ePUB

1. Ateus - Estados Unidos - Autobiografia 2. Doentes terminais - Estados Unidos - Autobiografia 3. Escritores - Autobiografia 4. Hitchens, Christopher, 1949-2011 5. Morte 6. Pacientes com câncer - Estados Unidos - Autobiografia I. Carter, Graydon. II. Blue, Carol. III. Título.

12-11023 CDD-813.6092

Índices para catálogo sistemático:
1. Estados Unidos : Escritores : Autobiografia 813.6092

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos pela Editora Globo S. A.
Av. Jaguaré, 1485 – 05346-902 – São Paulo – SP
www.globolivros.com.br

Reconhecimento e gratidão à Vanity Fair,
em que grande parte deste livro teve sua publicação original,
mas em versão ligeiramente diferente.

Prefácio de Graydon Carter

Num jantar em Los Angeles, nesta primavera, um jovem ator chamado Emile Hirsch me abordou muito excitado. Ele soube que eu trabalhara muitos anos com Christopher Hitchens, e queria apenas falar sobre Christopher com alguém que o tivesse conhecido. Havia lido *Hitch-22*, estava bem avançado no livro sobre Kissinger e contou que o texto de Christopher o afetava de modo que nenhum outro escritor jamais conseguira. Nos meses que se seguiram à morte de Christopher, tive encontros similares com jovens que se sentiam compelidos a falar sobre como foram tocados pelos textos dele. Não é exagero dizer que Christopher possuía poucos rivais no campo das opiniões corajosas. Mas havia algo em seu saboroso destemor, em sua mente turbinada e em sua versão informal porém imprevisível de anarquia que tocava fundo garotos de vinte e tantos e trinta e poucos anos, em grande medida da mesma forma que Hunter S. Thompson tocara uma geração antes. O jovem Emile perguntou se haveria alguma cerimônia em memória de Christopher, e contei que estava marcado um evento em Nova York cuja data prevista era 20 de abril.

A homenagem de fato aconteceu no dia 20, no grande salão da faculdade Cooper Union, em Greenwich Village. Minhas colegas da *Vanity Fair* Aimée Bell (durante muito tempo editora de Christopher na revista) e Sara Marks organizaram as leituras, todas de obras de Christopher. A ideia era criar um programa que fosse íntimo e amoroso, mas não sentimental ou piegas. E o melhor das letras inglesas apareceu para prestar tributo – e consolar a viúva, Carol, e seus três filhos. Martin Amis, Tom Stoppard, Salman Rushdie, Ian McEwan e James Fenton compareceram e falaram. Editores como Anna Wintour, David Remnick, Jim Kelly e Rick Stengel foram, assim como o irmão de Christopher, Peter, Andrew Sullivan, Christopher Buckley, Andrew e Leslie Cockburn e sua filha, a bela atriz Olivia Wilde, e o irmão de Andrew, Patrick. O governo Bush marcou presença por meio do ex-subsecretário de defesa Paul Wolfowitz – uma reminiscência do curioso desvio para a direita que

Christopher tomou no período que antecedeu a Guerra do Iraque. Hollywood esteve representada por Sean Penn e – fiquei satisfeito em ver – pelo jovem sr. Hirsch.

Depois da homenagem, os participantes seguiram para o Waverly Inn próximo e beberam e fumaram ao sol, lembrando Christopher. Embora o dia estivesse mergulhado em tristeza, havia um tom mágico na tarde enquanto ela se transformava em noite e depois meia-noite, quando ainda restavam por ali uma dúzia ou mais de enlutados. Para aqueles que estiveram lá, a homenagem a Christopher foi, como costumávamos dizer nos anos 1960, um acontecimento, um dia que não esqueceremos tão cedo.

O fato é que Christopher era um desses personagens únicos na vida – sagaz, charmoso, encrenqueiro e querido e devotado amigo. Homem de apetites insaciáveis – por cigarros, por *scotch*, por companhia, por grandes textos e, acima de tudo, por conversa. Dar vazão a uma produção correspondente à magnitude desses apetites era o grande milagre desse homem. É difícil encontrar outro autor que tenha dado conta do mesmo volume de ensaios, colunas, artigos e livros finamente elaborados que ele assinou ao longo das quatro últimas décadas. Christopher escreveu regularmente, na verdade constantemente, até o final. E escrevia rápido, com frequência sem a necessidade de correções ou o benefício de uma segunda versão revisada. Talvez no fundo soubesse que seu tempo no palco terminaria no segundo ato e estivesse correndo para colocar tudo para dentro, e tudo para fora. Lembro-me de um almoço em 1991, quando eu editava o *New York Observer*. Ele, Aimée e eu nos encontramos para bater um papo rápido num restaurante que não existe mais, na Madison Avenue. A coluna de Christopher tinha de ser entregue cedo naquela tarde. Doses de *scotch* antes do almoço foram seguidas por duas taças de vinho durante a refeição, e depois dois conhaques. Isso foi o que *ele* consumiu. Cambaleamos de volta ao trabalho e o instalamos a uma mesa instável, com uma velha Olivetti. Numa sinfonia de batidas nas teclas, em menos de meia hora, ele produziu uma quase perfeita coluna de mil palavras.

Christopher foi um dos primeiros autores que convidei para escrever na *Vanity Fair*, quando fui trabalhar lá, em 1992. Seis anos antes, eu o havia chamado para escrever para a *Spy*, e meu pedido fora educadamente recusado.

Mas o convite da *Vanity Fair* incluía uma remuneração e, para minha honra duradoura, ele aceitou. Tornou-se o colunista-símbolo da revista a partir de então. Com exceção de Dominick Dunne, que morreu em 2009, nenhum outro autor foi mais associado à *Vanity Fair*. Não havia tema grande ou pequeno demais para Christopher. Ao longo das duas últimas décadas, ele viajou para praticamente todo lugar perigoso que você possa imaginar. Também se submeteu a todo tipo de humilhação e desconforto em nome de sua coluna. Uma vez, eu o enviei em missão para violar uma das leis mais ridículas ainda vigentes em Nova York, a que proibia andar de bicicleta com os pés fora dos pedais. A fotografia que acompanhou a coluna, de Christopher sobre uma pequena bicicleta no Central Park, com as pernas para o alto, parecia algo saído do Circo de Moscou. Por sugestão de Tom Hedley, um veterano da *Esquire* de Harold Hayes, convenci Christopher a fazer uma série de três reportagens sobre cursos de aperfeiçoamento pessoal, nas quais ele se submeteria a uma miríade de tratamentos para melhorar sua dentição e outras regiões insuspeitadas do corpo. Em dado momento, sugeri que fosse a um famoso salão de depilação da cidade, especializado no que era chamado deselegantemente de "saco, costas e vagina". Ele teve dificuldade para absorver o pleno significado disso, mas, após alguns segundos, deu um sorriso nervoso e disse: "Já que estamos nessa...".

Christopher era o ideal de intelectual público. A sensação era de que ele escrevia exclusivamente para você. Consequentemente, muitos leitores sentiam que o conheciam. Caminhar com ele pelas ruas de Nova York ou por um terminal de aeroporto era como escoltar um astro do cinema em meio à multidão. Christopher foi corajoso não apenas ao encarar a doença que o levou, mas também com palavras e ideias. Não se importava de sair do casulo confortável da sabedoria liberal convencional – sua postura pró-guerra antes da invasão do Iraque foi apenas um exemplo disso. Amigos se afastaram durante aqueles dias sombrios, mas ele se aferrou às suas armas. Depois de seu famoso ataque a Madre Teresa, em 1995, um de nossos editores contribuintes, católico devoto, invadiu o escritório, ofendido, e anunciou que estava cancelando sua assinatura. "Você não pode cancelá-la", eu disse. "Você recebe a revista de graça." Há anos, em meio à polêmica sobre o *impeachment* de Clinton, Christopher teve uma briga pública com seu amigo Sidney Blumenthal, então

funcionário da Casa Branca – a discussão foi sobre qual parte da conversa entre eles era confidencial e qual parte era publicável. Christopher precisou ir à televisão para se defender. Como sua aparência era péssima, sugeri que o levássemos a Nova York para que pudesse se preparar longe das câmeras e repaginar o visual. A revista era muito próspera na época, e demos a ele um novo terno, camisas, gravatas e que tais. Quando alguém da editoria de moda perguntou quanto calçava, ele disse que não sabia – os sapatos que estava usando eram emprestados.

Não há como listar o panteão de intelectuais públicos e amigos íntimos que choraram sua morte, mesmo não estando presentes na cerimônia em sua memória. Christopher também teve seu quinhão de admiradoras, incluindo – mas certamente não se limitando – a sra. Wintour, na época em que ele ainda era jovem e relativamente perfumado. Sua esposa, Carol, escritora, cineasta e anfitriã lendária, estabeleceu um novo parâmetro em como lidar com uma flor como Christopher, tanto em suas fases de vigor quanto em seus dias mais frágeis. Um convite para o enorme apartamento deles no edifício Wyoming da Columbia Road, em Washington, era o prêmio que recompensava aqueles que integravam seu círculo de amigos, mesmo que perifericamente. Nos anos 1990 e 2000, costumávamos promover uma antítese do Jantar dos Correspondentes da Casa Branca; o *Salon des Refusés*, era como Christopher o chamava. Você encontrava todo mundo lá. De juízes da Suprema Corte e falastrões de direita até, bem, Barbra Streisand e outros variados ícones da esquerda. Ele era um bom amigo, que queria bem aos amigos. E como resultado, tinha muitos.

Christopher teve uma carreira invejável, iniciada quando ele fixou sua marca própria no jornalismo britânico a bordo da combativa *New Statesman*, o que lhe abriu caminho para os Estados Unidos, onde escreveu para uma variedade de veículos, de *Atlantic* e *Harper's* a *Slate* e *New York Times Book Review*. Todos nós o considerávamos nosso. Ele era uma lenda no circuito de palestras, e podia debater praticamente qualquer assunto com qualquer pessoa. Ganhou inúmeros prêmios (embora isso não fosse o tipo de coisa que movesse seu trabalho) e na última década escreveu best-sellers, incluindo o livro de memórias *Hitch-22*, cujo êxito de crítica e de vendas finalmente trouxe algum dinheiro para o bolso da família. Nas últimas semanas de vida, foi informado de

que um asteroide havia recebido seu nome. Ficou contente com a ideia e considerou a homenagem adequada: a palavra asteroide, derivada do grego, significa "semelhante a estrela", e asteroides são reconhecidamente voláteis.

Christopher será lembrado pelos amigos por seu humor refinado, mas inclusivo, e por sua memória inacreditável, quase punitiva, resistente mesmo sob as condições mais líquidas do final da noite. E por todos nós, seus leitores, Christopher Hitchens será lembrado pelas palavras que deixou. Em especial, pelas últimas. Livres como são de sentimentalismo e autopiedade, elas estão entre as melhores.

Junho de 2012
Nova York

Sumário

Capa
Folha de Rosto
Créditos
Dedicatória
Prefácio de Graydon Carter

Últimas palavras
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Posfácio de Carol Blue
Sobre o autor

Últimas palavras

Capítulo 1

Mais de uma vez em minha vida acordei com a sensação de estar morto. Mas nada me preparou para o começo da manhã de junho em que recobrei a consciência sentindo-me como que acorrentado a meu próprio cadáver. Toda a minha cavidade torácica parecia ter sido retirada e depois preenchida com cimento de secagem lenta. Eu ouvia minha respiração fraca, mas não conseguia inflar os pulmões. Meu coração parecia bater demais, ou muito pouco. Qualquer movimento, por menor que fosse, exigia preparação e planejamento. Exigiu um esforço extenuante atravessar meu quarto de hotel em Nova York e chamar a emergência. Eles chegaram com muita rapidez e se comportaram com imensos profissionalismo e cortesia. Tive tempo de pensar em por que eles precisavam de tantas botas e capacetes e tanto equipamento pesado de apoio, mas agora, repassando a cena, vejo-a como uma deportação gentil e firme, me levando do país dos saudáveis através da fronteira desolada que leva à terra da doença. Em poucas horas, depois de fazer muito trabalho de emergência em meu coração e meus pulmões, os médicos desse triste posto fronteiriço me mostraram alguns outros cartões-postais de meu interior e disseram que minha parada seguinte imediata teria de ser em um oncologista. Algum tipo de sombra se projetava sobre os negativos.

Na noite anterior eu havia lançado meu último livro num bem-sucedido evento em New Haven. Na noite daquela manhã terrível, deveria comparecer ao *The Daily Show* com Jon Stewart, e depois ir a um evento com lotação esgotada no centro cultural 92nd Street Y, para um debate com Salman Rushdie. Minha campanha muito breve de negação assumiu essa forma: eu não iria cancelar essas participações, nem decepcionar meus amigos ou perder a oportunidade de vender uma pilha de livros. Consegui dar conta dos dois compromissos sem que ninguém percebesse nada de estranho, embora imediatamente antes de cada um tivesse vomitado com uma extraordinária combinação de precisão, limpeza, violência e profusão. É o que os cidadãos do

país dos doentes fazem enquanto ainda se aferram desamparadamente ao antigo domicílio.

A nova terra é bastante receptiva, à sua maneira. Todos sorriem, encorajadores, e parece não existir racismo. Prevalece um espírito em geral igualitário, e aqueles que mandam no lugar obviamente chegaram aonde estão por mérito e trabalho duro. Por outro lado, o humor é um tanto pobre e repetitivo, parece que ninguém conversa sobre sexo, e a cozinha é pior do que a de qualquer outro destino que já visitei. O país tem idioma próprio – uma língua franca que consegue ser ao mesmo tempo insensível e difícil, e que contém nomes como ondansetrona, uma medicação contra náusea –, bem como alguns gestos perturbadores aos quais é preciso se acostumar. Por exemplo, um profissional que você vê pela primeira vez pode, de repente, enfiar os dedos em seu pescoço. Foi assim que descobri que meu câncer se espalhara para os nódulos linfáticos, e que uma dessas belezinhas deformadas – localizada na minha clavícula direita – era suficientemente grande para ser vista e sentida. Não é nada bom quando seu câncer é "palpável" na superfície do corpo. Especialmente quando, como naquele estágio, os médicos nem sequer sabem qual é a fonte primária. O carcinoma funciona de forma solerte, de dentro para fora. A detecção e o tratamento costumam funcionar mais lentamente, e às cegas, de fora para dentro. Muitas agulhas foram enfiadas na região da clavícula – "tecido é a questão"[1] é um grande lema no idioma local de Tumorlândia –, e fui informado de que os resultados da biópsia poderiam demorar uma semana.

O exame das células escamosas cheias de câncer que esses primeiros resultados revelaram demorou bem mais do que o previsto até revelar a verdade desagradável. A palavra "metástase" no relatório foi a que primeiro atraiu meu olhar e minha audição. O alienígena colonizara um pedaço do meu pulmão, bem como um pedaço do meu nódulo linfático. E sua base de operações original estava localizada – ou estivera por algum tempo – no esôfago. Meu pai tinha morrido, e muito rapidamente, de câncer de esôfago. Ele tinha 79. Eu tenho 61. Se a vida é uma espécie de "corrida", eu me tornei finalista de forma bastante abrupta.

A famosa teoria dos estágios de Elisabeth Kübler-Ross, segundo a qual a pessoa

evolui da negação para a raiva, depois avança para a depressão até finalmente chegar ao êxtase da "aceitação", até agora não se aplicou ao meu caso. De certa forma, imagino, passei algum tempo "em negação", conscientemente queimando a vela nas duas pontas e descobrindo que isso com frequência produz uma luz adorável. Mas por essa razão não consigo me ver socando a testa, em choque, nem me ouvir gemendo que tudo é tão injusto: tenho provocado a ceifadora a brandir a foice na minha direção, e agora sucumbi a algo tão previsível e banal que entedia até mesmo a mim. A raiva estaria fora de questão pelo mesmo motivo. Em vez disso, sinto-me muito oprimido pela persistente sensação de desperdício. Eu realmente tinha planos para minha próxima década, e achava que tinha dado duro o bastante para merecer. Não vou viver para ver meus filhos se casando? Para assistir ao World Trade Center se erguendo novamente? Para ler – ou quem sabe escrever – os obituários de velhos vilões como Henry Kissinger e Joseph Ratzinger? Compreendo, porém, esse tipo de não pensamento exatamente pelo que é: sentimentalismo e autopiedade. Meu livro entrou na lista dos mais vendidos no dia em que recebi o pior dos boletins noticiosos, e por acaso o último voo que fiz como pessoa presumivelmente saudável (para encontrar uma bela e grande plateia na Feira de Livros de Chicago) foi aquele que me tornou dono de um milhão de milhas da United Airlines, podendo desfrutar de *upgrades* gratuitos pelo resto da existência. Mas ironia é o meu negócio, e simplesmente não consigo ver ironias nisso tudo: seria menos pungente descobrir o câncer no dia em que minhas memórias fossem classificadas como um fracasso memorável ou no dia em que me enxotassem de um voo na classe econômica? À pergunta cretina "Por que eu?", o cosmos mal tem o trabalho de responder: "Por que não?".

Então, vamos ao estágio de *barganha*. Talvez haja uma lacuna. A barganha da oncologia é que, em troca de pelo menos a chance de mais alguns anos úteis, você concorda em se submeter à quimioterapia e, se tem sorte com ela, à radiação ou mesmo à cirurgia. Então, eis o trato: você fica mais um pouco por aqui, mas em troca vamos precisar tirar algumas coisas de você. Entre essas coisas podem estar suas papilas gustativas, seu poder de concentração, sua capacidade de digestão e os cabelos de sua cabeça. Essa parece uma troca justa. Infelizmente, isso também envolve confrontar um dos clichês mais atraentes de

nossa linguagem. Vocês já o ouviram. As pessoas não têm câncer: elas são apresentadas como estando em luta contra o câncer. Ninguém que o queira bem omite a imagem combativa: você pode vencer isso. Ela está até mesmo nos obituários dos derrotados pelo câncer, como se alguém pudesse de alguma forma razoável dizer que eles morreram após uma longa e corajosa luta contra a mortalidade. Você não ouve isso sobre aqueles que sofreram muito tempo de doença cardíaca ou falência renal.

Pessoalmente, adoro o imaginário da luta. Algumas vezes, gostaria de sofrer por uma boa causa ou arriscar a vida pelo bem dos outros, em vez de ser apenas um paciente de alto risco. Mas permita-me informá-lo de que ao se sentar numa sala com um grupo de outros finalistas, quando pessoas gentis ligam uma enorme bolsa transparente de veneno ao seu braço, quando você lê ou não lê um livro enquanto o saco de veneno gradualmente se esvazia em seu sistema circulatório, a imagem do soldado ou revolucionário heroico é a última coisa que lhe ocorre. Você se sente atolado em passividade e fraqueza: dissolvendo-se em impotência como um cubo de açúcar na água.

Esse quimioenvenenamento é uma coisa. Ele me fez perder cerca de sete quilos, mas sem fazer com que me sentisse mais leve. Eliminou um horrendo problema de pele em minhas canelas que médico algum jamais soube identificar, quanto mais curar. (Deve ser um senhor veneno para, sem esforço, ter eliminado aqueles furiosos pontos vermelhos.) Então, por favor, que ele seja igualmente tão malvado e impiedoso com o alienígena e suas colônias que se espalham pela zona morta. Mas em oposição a isso a coisa de lidar com a morte e a coisa de preservar a vida também me deixaram estranhamente neutro. Eu tinha me conformado com a perda dos cabelos, que começaram a cair no banho nas primeiras duas semanas de tratamento e que guardei em um saco plástico para ajudar a encher uma barreira flutuante no Golfo do México. Mas não estava preparado para o modo como minha lâmina, de repente, começou a escorregar pelo meu rosto sem encontrar barba. Ou para o modo como meu novo lábio superior, suave, começou a dar a impressão de eu ter me submetido a uma depilação, tornando-me parecido com a tia solteirona de alguém. (Os pelos do peito, que outrora fizeram sucesso em dois continentes, ainda não

desapareceram, mas tantos deles foram raspados para várias incisões hospitalares que a área já é uma colcha de retalhos.) Eu me sinto perturbadoramente desnaturado. Se Penélope Cruz fosse uma de minhas enfermeiras, nem sequer perceberia. Na guerra contra Tânatos, se é que podemos chamar isso de guerra, a perda imediata de Eros é um enorme sacrifício inicial.

Essas são minhas primeiras reações cruas a ter adoecido. Em silêncio, estou decidido a resistir corporeamente o melhor possível, mesmo que apenas de modo passivo, e a buscar a ajuda mais avançada. Meu coração, minha pressão sanguínea e muitos outros registros estão novamente fortes: de fato, me ocorre que, se não tivesse uma constituição tão sólida, teria me preocupado antes em levar uma vida mais saudável. Contra mim está um alienígena cego e sem emoções, animado por alguns que há muito me desejam mal. Mas do lado da continuidade de minha vida está um grupo de médicos brilhantes e devotados, mais um número impressionante de grupos de oração. Sobre ambos espero escrever da próxima vez se – como meu pai invariavelmente dizia – eu for poupado.

Capítulo 2

Quando descrevi o tumor em meu esôfago como um "alienígena cego e sem emoções", percebi que nem mesmo eu pude evitar dar a ele qualidades de uma coisa viva. Isso, pelo menos, eu sei ser um equívoco: um caso da falácia patética (nuvem raivosa, montanha orgulhosa, pequeno Beaujolais presunçoso) pela qual atribuímos qualidades animadas a fenômenos inanimados. Para existir, um câncer necessita de um organismo vivo, mas nunca pode se *tornar* um organismo vivo. Toda a sua maldade – lá vou eu novamente – está no fato de que o "melhor" que pode fazer é morrer com seu hospedeiro. Ou é isto, ou seu hospedeiro encontrará meios para extirpá-lo e para sobreviver a ele.

Mas, como sabia antes de adoecer, há pessoas para as quais essa explicação é insatisfatória. Para elas, um carcinoma roedor é um agente dedicado e consciente – um suicida-homicida de ação lenta – numa missão sagrada dos céus. Você não viveu, se é que posso colocar assim, se ainda não leu nos sites de fiéis na internet contribuições como esta:

> Quem mais acha que Christopher Hitchens ter câncer de garganta terminal [*sic*] foi a vingança de Deus por ele usar sua voz para blasfemá-Lo? Ateus gostam de ignorar fatos. Gostam de agir como se tudo fosse uma "coincidência". Verdade? É apenas "coincidência" [que] de todas as partes de seu corpo Christopher Hitchens tenha conseguido um câncer na única parte de seu corpo que usou para blasfemar? Tá, continuem acreditando nisso, ateus. Ele vai se contorcer de agonia e dor e se reduzir a nada, e depois ter uma horrível morte agonizante, e então vem a parte realmente divertida, quando ele é mandado para sempre para o fogo do inferno, para ser torturado e queimado.

Há numerosas passagens nas escrituras sagradas e na tradição religiosa que por séculos transformaram esse tipo de regozijo em crença hegemônica. Muito antes de isso dizer respeito a mim, pessoalmente, eu entendia as objeções óbvias a tal argumentação. Primeiro, qual mero primata está tão desgraçadamente certo de que pode conhecer a mente de deus? Segundo, esse autor anônimo quer que seus pontos de vista sejam lidos pelos meus filhos

inocentes que também estão passando por um mau momento, obra desse mesmo deus? Terceiro, por que não lançar um raio sobre mim, ou algo similarmente assombroso? A divindade vingativa tem um arsenal tristemente pobre se a única coisa em que consegue pensar é exatamente o câncer que minha idade e "estilo de vida" sugeriam que eu pudesse ter. Quarto, afinal de contas, por que câncer? Quase todos os homens têm câncer de próstata quando vivem o suficiente para tal: é uma coisa indigna, mas distribuída igualitariamente entre santos e pecadores, crentes e ímpios. Se você sustenta que deus concede cânceres sob medida, também tem de levar em conta o número de crianças com leucemia. Muita gente devota morreu jovem e com dor. Bertrand Russell e Voltaire permaneceram ativos até o fim, assim como muitos criminosos, psicopatas e tiranos. Portanto, esses infortúnios parecem medonhamente aleatórios. Minha garganta até o momento não cancerosa – apresso-me a garantir a meu correspondente cristão acima – não é *de modo algum* o único órgão por meio do qual blasfemei. E mesmo que minha voz desapareça antes de mim, continuarei a escrever polêmicas contra ilusões religiosas, pelo menos até dizer alô à minha velha amiga, a escuridão. Nesse caso, por que não câncer no cérebro? Como um aterrorizado imbecil semiconsciente, eu poderia até mesmo gritar pedindo um sacerdote na hora da conta, embora neste momento declare, estando ainda lúcido, que a entidade se humilhando dessa forma de fato não seria "eu". (Tenham isso em mente, para o caso de boatos e invenções posteriores.)

O fato fascinante sobre estar mortalmente doente é que você passa bastante tempo se preparando para morrer com um bocadinho de estoicismo (e de provisões para os entes queridos), enquanto está simultânea e altamente interessado na questão da sobrevivência. Essa é uma forma de "vida" bizarra – advogados pela manhã e médicos à tarde –, e significa que a pessoa tem de viver com uma postura mental dupla para além do habitual. O mesmo é verdade, aparentemente, para aqueles que rezam por mim. E a maioria entre estes é tão "religiosa" quanto o camarada que quer que eu seja torturado aqui e agora – o que serei, mesmo se acabar me recuperando – e depois torturado para sempre, se *não* me recuperar. Ou, presumivelmente, inclusive se eu me

recuperar.

Do número chocante e envaidecedor de pessoas que me escreveram quando fiquei doente, pouquíssimas deixaram de dizer uma entre duas coisas. Ou elas me asseguravam que não iam me ofender com orações, ou carinhosamente insistiam em que rezariam de qualquer forma. Sites religiosos na internet dedicaram espaço especial à questão. (Caso você leia isto a tempo, por favor, tenha em mente que 20 de setembro de 2010 já foi escolhido como "Dia de todos rezarem por Hitchens".) Pat Archbold, no *National Catholic Register*, e o diácono Greg Kandra estiveram entre os católicos romanos que me consideraram merecedor de orações. O rabino David Wolpe, autor de *Why faith matters* e líder de uma grande congregação em Los Angeles, disse o mesmo. Ele tem sido um parceiro de debates, assim como vários conservadores protestantes evangélicos, como o pastor Douglas Wilson, do New Saint Andrews College, e Larry Taunton, da Fixed Point Foundation de Birmingham, no Alabama. Ambos escreveram para dizer que suas assembleias estavam orando por mim. E foi para eles que primeiro me ocorreu responder, perguntando: orando pelo quê?

Assim como muitos dos católicos que essencialmente rezam para que eu veja a luz tanto quanto para melhorar, eles foram muito honestos. A salvação era a questão principal. "Estamos preocupados também com sua saúde, mas essa é uma consideração muito secundária. 'Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder sua alma?' [Mateus 16:26]." Esse foi Larry Taunton. O pastor Wilson respondeu que ao receber a notícia orou por três coisas: para que eu vencesse a doença, para que acertasse as contas com a eternidade e para que o processo nos colocasse novamente em contato. Ele não conseguiu resistir a acrescentar de forma bastante maliciosa que a terceira prece já havia sido atendida...

Portanto, há alguns católicos, judeus e protestantes de boa reputação que acham que, em certo sentido do termo, eu posso merecer a salvação. A facção muçulmana mostrou-se mais silenciosa. Um amigo iraniano pediu que uma prece fosse feita por mim no túmulo de Omar Khayyam, poeta supremo dos livre-pensadores persas. O vídeo no YouTube anunciando o dia de preces por mim é acompanhado pela canção "I think I see the light", cantada pelo mesmo Cat Stevens que como "Yusuf Islam" certa vez endossou o histérico apelo

teocrático iraniano ao assassinato de meu amigo Salman Rushdie. (A letra banal de sua canção pseudoelevada, por sinal, parece dirigida a uma garotinha.) E esse aparente ecumenismo também tem outras contradições. Se eu anunciasse uma súbita conversão ao catolicismo, sei que Larry Taunton e Douglas Wilson achariam que eu havia cometido um erro terrível. E, se me juntasse a qualquer de seus grupos protestantes evangélicos, os seguidores de Roma não considerariam minha alma muito mais segura do que está agora, enquanto uma decisão tardia de adesão ao judaísmo ou ao islamismo inevitavelmente me faria perder muitas preces em ambas as facções. Novamente simpatizo com o grande Voltaire, que, ao ser importunado em seu leito de morte a conclamar sua renúncia ao diabo, murmurou que aquela não era hora de fazer inimigos.

O físico dinamarquês e prêmio Nobel Niels Bohr certa vez pendurou uma ferradura acima da porta. Amigos chocados exclamaram que ele não podia crer numa superstição tão patética. "Não, não acredito", respondeu ele com serenidade, "mas aparentemente funciona, acredite você ou não." Essa poderia ser a conclusão mais segura. A investigação mais completa já realizada sobre o tema – "Study of the therapeutic effects of intercessory prayer", de 2006 – não identificou qualquer correlação entre o número e a regularidade das preces feitas e a probabilidade de que o paciente pela qual as pessoas rezam tenha mais chances. Mas descobriu uma pequena porém interessante correlação *negativa*, com alguns pacientes sofrendo ligeiramente mais quando não apresentam qualquer melhora. Eles sentiam ter desapontado seus apoiadores devotos. E o moral é outro fator de sobrevivência não quantificável. Hoje, entendo isso melhor do que no momento em que li o estudo pela primeira vez. Um número enorme de amigos seculares e ateus me disse coisas encorajadoras e envaidecedoras como "Se há alguém capaz de derrotar isso, é você"; "O câncer não tem nenhuma chance contra alguém como você"; "Sabemos que você pode derrotar isso". Nos dias ruins, e mesmo nos melhores, exortações como essas podem ter um efeito vagamente deprimente. Se eu fechar a conta, estarei decepcionando todos esses camaradas. Um problema secular diferente também me ocorre: e se eu superar a doença e a facção religiosa alegar, contente, que suas preces foram atendidas? Isso seria um tanto irritante.

Guardei o melhor dos fiéis para o fim. O dr. Francis Collins é um dos maiores americanos vivos. É o homem que completou o Projeto Genoma Humano antes do prazo e dentro do orçamento, e que hoje dirige o National Institutes of Health. Em seu trabalho sobre as origens genéticas dos males, ajudou a decodificar as "falhas" que causam calamidades como fibrose cística e mal de Huntington. Ele hoje trabalha nas impressionantes propriedades curativas latentes em células-tronco e em tratamentos "dirigidos" com base em genes. Esse grande humanista é também um devoto da obra de C. S. Lewis, e em seu livro *A linguagem de Deus* defendeu a compatibilização de ciência e fé. (Esse pequeno livro contém um capítulo admiravelmente conciso informando aos fundamentalistas que a discussão sobre a evolução está encerrada, principalmente por que *não há* discussão.) Conheço Francis de vários debates públicos e privados sobre religião. Ele foi muito gentil ao me visitar espontaneamente e discutir todos os tipos de novos tratamentos, apenas recentemente imaginados, que poderiam se aplicar ao meu caso. E vamos colocar assim: ele não sugeriu preces e eu, por minha vez, não o provoquei sobre o livro *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, de C. S. Lewis. Então, aqueles que querem que eu morra em agonia realmente estão rezando para que os esforços de nosso médico cristão mais altruísta sejam frustrados. Quem é o dr. Collins para interferir com o desígnio divino? Por uma perversão semelhante, aqueles que desejam que eu queime no inferno também estão debochando daquele tipo de gente religiosa que não me considera irrecuperavelmente mau. Eu deixo esses paradoxos para aqueles, amigos e inimigos, que ainda veneram o sobrenatural.

Seguindo a trilha da prece pelo labirinto da internet, eu acabei encontrando um bizarro vídeo: "Place Bets". Ele convida eventuais interessados a apostar dinheiro em mim e dá duas opções: se irei repudiar o ateísmo e abraçar a religião até uma determinada data ou se continuarei a afirmar a descrença, me expondo a enfrentar as consequências infernais. Isso talvez não seja tão inferior ou repulsivo quanto soa. Um dos mais cerebrais defensores do cristianismo, Blaise Pascal, reduziu tudo a uma aposta no século xvii. Deposite fé no todo-poderoso e você pode ganhar tudo, propôs ele. Recuse a oferta

celestial e você perde tudo caso a moeda caia do outro lado. (Alguns filósofos chamam isso de Aposta de Pascal.)

Por mais engenhoso que seja o raciocínio de seu ensaio – ele foi um dos criadores da teoria das probabilidades –, Pascal presume um deus ao mesmo tempo cínico e um ser humano abjetamente oportunista. Imaginar que eu descarte os princípios que sustentei por toda a vida na esperança de conseguir favores no último minuto? Espero e confio que nenhuma pessoa séria ficaria impressionada com tal escolha barata. Enquanto isso, o deus que iria recompensar covardia e desonestidade e punir dúvida irreconciliável está entre os muitos deuses em que (nos quais?) não acredito. Não quero ser grosseiro com boas intenções, mas quando chegar 20 de setembro, por favor, não tenham o trabalho de ensurdecer os céus com seus gritos infrutíferos. A não ser, claro, que isso faça com que *você* se sinta melhor.

Muitos leitores estão familiarizados com o espírito e a letra da definição de "prece" segundo Ambrose Bierce em seu *O dicionário do diabo*. Extremamente fácil de compreender, é assim:

> Prece: pedido de que as leis da natureza sejam suspensas em benefício do solicitante; ele mesmo é confessadamente não merecedor.

Todos podem ver a brincadeira embutida nesse verbete: o homem que reza é aquele que acha que deus dispôs as coisas todas erradas, mas que também acredita que pode instruir deus sobre como corrigir tudo. Semienterrada na contradição está a ideia perturbadora de que não há ninguém no comando, ou ninguém com alguma autoridade moral. O apelo à prece anula a si mesmo. Aqueles de nós que não participam disso justificam a abstenção com base em que não precisamos, ou queremos, participar do processo inútil de reforço contínuo. Ou nossas convicções são suficientes em si ou não são: de qualquer forma, elas não demandam ficar no meio de uma multidão recitando encantamentos constantes e uniformes. Uma religião ordena que isso aconteça cinco vezes por dia e outras monoteístas, quase esse número, enquanto todas reservam pelo menos um dia inteiro exclusivamente para louvar ao Senhor, e o

judaísmo parece consistir, em sua composição original, numa enorme lista de proibições que devem ser seguidas acima de tudo.

O tom das preces replica a tolice do mandato, no sentido de que deus é solicitado a, ou agradecido por, fazer o que faria de qualquer forma. Assim, o judeu do sexo masculino começa cada dia agradecendo a deus por não tê-lo feito mulher (ou gentio), enquanto a mulher judia se contenta em agradecer ao todo-poderoso por criá-la "como é". Presumivelmente, o todo-poderoso fica contente em receber esse tributo a seu poder e a aprovação daqueles que criou. Mas, se de fato é todo-poderoso, tal conquista pareceria um tanto trivial.

Muito do mesmo se aplica à ideia de que a prece, em vez de fazer o cristianismo parecer tolo, faz com que pareça convincente. (Vamos ficar apenas com o cristianismo hoje.) Pode ser afirmado com alguma confiança, primeiro, que sua divindade é sábia e todo-poderosa e, segundo, que seus congregados têm necessidade desesperadora da infinita sabedoria e do poder daquela divindade. Apenas para oferecer algumas citações elementares, isso é afirmado em Filipenses 4:6: "Não andeis ansiosos por coisa alguma; antes em tudo sejam os vossos pedidos conhecidos diante de Deus pela oração e súplica com ação de graças". Deuteronômio 32:4 proclama que "Ele é a Rocha, cuja obra é perfeita", e Isaías 64:8 nos diz: "Mas agora, ó Senhor, tu és nosso Pai, nós somos o barro, e tu o nosso oleiro; e todos nós somos obra das tuas mãos". Notem, então, que o cristianismo insiste na dependência absoluta de seu rebanho, e apenas na oferta de louvor e graças em estado bruto. Uma pessoa usando a hora da prece para pedir que o mundo seja consertado ou para suplicar a deus favores pessoais seria culpada de blasfêmia profunda – ou, no mínimo, de incompreensão patética. Não cabe ao mero humano presumir que pode orientar o divino. E isso, triste dizer, expõe a religião à acusação adicional de corrupção. Os líderes da Igreja sabem perfeitamente bem que a prece não deve gratificar o devoto. De modo que toda vez que aceitam uma doação em troca de algum pedido estão admitindo uma brutal negação de sua fé: uma fé que depende da aceitação passiva do devoto, e não de ele fazer pedidos de melhoria. No final, e após uma divergência amarga e cismática, práticas como a notória "venda de indulgências" foram abandonadas. Mas muitas belas basílicas ou capelas não estariam em pé hoje se essa violação medonha *não* tivesse produzido lucros espetaculares.

E hoje é muito fácil ver, nas reuniões de redespertar de fundamentalistas protestantes, cheques e notas sendo contados antes mesmo que a aposição das mãos pelo pregador tenha sido concluída. Mais uma vez, o espetáculo é vergonhoso, com os calvinistas de certa forma tendo substituído Roma como os arrecadadores de recursos sagrados mais exorbitantes. E – antes que se esgotem as contradições – parece duplamente absurdo um calvinista se interessar pela intercessão divina. A constituição de fundação da Igreja presbiteriana reconhecidamente proclamou em Filadélfia que "por decreto de Deus, para a manifestação de sua glória, alguns homens e anjos estão predestinados à vida eterna e outros predeterminados à morte eterna (...) sem qualquer previsão de fé ou bons atos, ou perseverança neles, ou qualquer outra coisa na criatura, como condições". Explicitando, significa que não importa se você tenta levar uma vida santa ou mesmo se consegue isso. O capricho aleatório ainda assim determinará se você terá ou não a recompensa celestial. Nessas circunstâncias, a inutilidade da prece é quase o menos importante. Além dessa futilidade menor, a religião que trata seu rebanho como um brinquedinho crédulo oferece um dos espetáculos mais cruéis que podem ser imaginados: um ser humano com medo e dúvida que é explicitamente explorado para acreditar no impossível. Na discussão sobre a prece, portanto, por favor, não se choque se nós, os ateístas, formos aqueles que adotarão a expressão de compaixão quando algum momento de crise moral ameaçar se aproximar.

Capítulo 3

I figure she should take care of herself, put herself in a deep freeze, and in a year or two in all likelihood they'll develop a pill that'll clear this up simple as a common cold. Already, you know, some of these cortisones; but the doctor tells us they don't know but what the side effects may be worse. You know: the big C. My figuring is, take the chance, they're just about ready to lick cancer anyway and with these transplants pretty soon they can replace your whole insides.

Harry Angstrom em Coelho em crise (1971), de John Updike.

(Imagino que ela deveria cuidar de si mesma, colocar-se em congelamento profundo e, em um ano ou dois, muito provavelmente seria desenvolvido um comprimido capaz de acabar com isso de forma simples como um resfriado comum. Sabe, já há algumas dessas cortisonas; mas o médico nos diz que não sabe qual dos efeitos colaterais pode ser pior. Sabe: o grande C. Minha ideia é corra o risco, eles estão prestes a derrotar o câncer, e com esses transplantes logo vão poder trocar todas as suas entranhas.)

O romance de Updike era ambientado no que poderia ser chamado de anos otimistas do governo Nixon: a época da missão Apollo e do nascimento daquela expressão de onipotência americana que começa com "Se conseguimos colocar um homem na Lua...". Em janeiro de 1971, os senadores Kennedy e Jarvis apresentaram o "Conquest of Cancer Act", e em dezembro daquele ano Richard Nixon havia aprovado algo parecido com aquilo, liberando enormes verbas federais. Se falava somente na "guerra ao câncer".

Quatro décadas depois, outras "guerras" gloriosas – à pobreza, às drogas e ao terror – se somam para debochar dessa retórica, e, como costuma acontecer quando sou encorajado a "combater" meu próprio tumor, não consigo me livrar da sensação de que é o câncer que está movendo uma guerra contra mim. O

medo com que é discutido "o grande C" ainda é quase supersticioso. Assim como a esperança sempre sussurrada de um novo tratamento ou cura.

Em seu famoso ensaio sobre Hollywood, Pauline Kael a descreveu como um lugar onde você podia morrer de encorajamento. Isso ainda pode ser verdade na cidade do brilho fácil. Na cidade do tumor, você às vezes sente que poderia expirar apenas por *conselhos*. Muitos deles são gratuitos e não solicitados. Há quem diga que devo começar, sem demora, a ingerir essência granulada de caroço de pêssego (ou será damasco?), remédio fantástico conhecido por civilizações antigas, mas hoje escondido por gananciosos médicos modernos. Outro escreve recomendando grandes doses de suplementação de testosterona, talvez para elevar o moral. Ou, então, devo descobrir formas de abrir certos chacras e adotar o apropriado estado mental receptivo. Dietas macrobióticas ou vegetarianas serão tudo de que precisarei como nutrição durante esta experiência. E não riam do pobre velho sr. Angstrom acima: alguém escreveu de uma famosa universidade sugerindo que eu fosse congelado por criogenia até o dia em que a bala mágica, ou o que quer que seja, for concebida. (Quando deixei de responder a essa carta, recebi uma segunda sugerindo que eu congelasse pelo menos meu cérebro, para que seu córtex pudesse ser apreciado pela posteridade. Bem, só gostaria de dizer, uau!, um obrigado medonho.) Para compensar tudo isso, recebi o bilhete gentil de uma amiga cheyenne-arapaho dizendo que todos seus conhecidos que apelaram para remédios tribais haviam morrido quase instantaneamente. Ela sugeriu que se me oferecessem qualquer remédio nativo americano eu deveria me "mover o mais rápido possível na direção oposta". Alguns conselhos, de fato, podem ser seguidos.

Mas, mesmo no mundo da sanidade e da modernidade, alguns com frequência não podem. Pessoas extremamente bem informadas entram em contato para insistir com que me trate somente com determinado médico ou clínica. Esses médicos e instalações são tão distantes quanto Cleveland e Kyoto. Mesmo que eu tivesse meu próprio avião, nunca seria capaz de visitar todos eles. Os cidadãos de Tumorlândia são sempre assediados por curas e boatos de curas. Cheguei a ir ao grandioso *palazzo* de uma clínica na parte mais rica da cidade arrasada, que não identificarei porque tudo o que consegui lá foi

uma longa e tediosa exposição do que eu já sabia, mais (quando deitado numa das mesas de exame do famoso estabelecimento) uma mordida de inseto que por um breve tempo dobrou o tamanho de minha mão esquerda: algo demasiado até mesmo para minhas exigências pré-cancerosas, mas uma irritação real para alguém com um sistema imunológico quimicamente corroído.

Considerando tudo isso, esta é uma época ao mesmo tempo fascinante e melancólica para ter um câncer como o meu. Fascinante porque meu calmo e erudito oncologista, o dr. Frederick Smith, pode projetar um quimiocoquetel que já encolheu alguns de meus tumores secundários, "ajustando" as dosagens para minimizar certos efeitos colaterais repugnantes – isso não teria sido possível quando Updike escreveu seu livro ou quando Nixon proclamou sua "guerra". E é também melancólico porque novos picos da medicina estão se erguendo e novos tratamentos começam a ser vislumbrados, mas provavelmente chegarão tarde demais para mim.

Fui encorajado a estudar, por exemplo, um novo "protocolo de imunoterapia" desenvolvido pelos médicos Steven Rosenberg e Nicholas Restifo no National Cancer Institute. "Encorajado" é pouco: fui extremamente instigado a fazê-lo. Agora é possível retirar linfócitos T do sangue, passá-los por um processo de engenharia genética e depois injetá-los novamente para atacar o tumor maligno. "Parte disso pode soar como medicina da era espacial", escreveu-me o dr. Restifo, como se também ele tivesse relido Updike, "mas tratamos bem mais de cem pacientes com linfócitos T submetidos à engenharia genética, entre os quais mais de vinte com a mesma abordagem que sugiro ser aplicada ao seu caso". Havia um probleminha, contudo, e envolvia uma "compatibilidade". Meu tumor tinha de apresentar uma proteína chamada ny-eso-1, e minhas células imunológicas precisavam ter uma molécula específica chamada hla-a2. Com essa combinação, o sistema imunológico podia ser fortalecido para resistir ao tumor. As chances pareciam boas, já que metade daqueles com genes europeus ou caucasianos tem essa molécula. E, quando analisado, meu tumor revelou ter a tal proteína! Minhas células imunológicas, porém, se recusaram a se identificar como suficientemente "caucasianas". Experiências semelhantes estão sendo revistas pela Food and Drug

Administration, mas estou com um pouco de pressa, e não consigo me esquecer da sensação de desânimo que tive ao receber a má notícia.

Talvez seja melhor deixar para trás rapidamente essas falsas esperanças: na mesma semana, me disseram que eu não tinha as necessárias mutações em meu tumor para me qualificar a qualquer outra das terapias de câncer "dirigidas" atualmente em oferta. Mais ou menos na noite seguinte, recebi e-mails de talvez cinquenta amigos porque o programa *60 Minutes* havia apresentado uma reportagem sobre "engenharia de tecidos" utilizando células-tronco em um homem com esôfago canceroso. Ele havia sido clinicamente preparado para "produzir" um novo órgão. Animado, entrei em contato com meu amigo dr. Collins, pai do tratamento baseado em genoma, que me disse gentilmente, mas com firmeza, que meu câncer se espalhara muito além do esôfago para poder ser tratado por esse método.

Ao analisar a depressão que desenvolvi naqueles sete dias nojentos, descobri que me senti ao mesmo tempo enganado e desapontado. "Até ter feito algo pela humanidade você deveria sentir vergonha de morrer", escreveu o grande educador americano Horace Mann. Eu teria alegremente me oferecido como paciente experimental de novas drogas ou novas cirurgias, em parte, claro, na esperança de que elas pudessem me salvar, mas também pelo princípio de Mann. E eu nem sequer me qualificava para a aventura. Então, tenho de me arrastar com a rotina de químio, seguida, caso se prove justificada, por radiação e talvez a muito debatida CyberKnife para uma intervenção cirúrgica – duas coisas quase milagrosas quando comparadas com o passado recente.

Há uma tentativa ainda mais incerta que me foi sugerida, embora sua provável eficácia esteja nos limites das probabilidades. Vou tentar ter todo o meu dna "sequenciado", juntamente com o genoma do meu tumor. Francis Collins foi sóbrio em sua avaliação da utilidade do procedimento. Se os dois sequenciamentos pudessem ser feitos, escreveu a mim, "poderiam ser determinadas quais mutações presentes no câncer o fazem crescer. O potencial para descobrir mutações nas células sanguíneas que possam levar a uma nova ideia terapêutica é incerto – isso está na fronteira da pesquisa oncológica neste momento". Em parte por essa razão, conforme ele me alertou, o custo do

procedimento também é muito alto no momento. Mas, a julgar pela minha correspondência, praticamente todos neste país sofrem de câncer ou têm algum amigo ou parente com a doença. Então, talvez eu seja capaz de contribuir um pouco para ampliar o conhecimento que ajudará futuras gerações.

Digo "talvez", em parte, porque Francis teve de colocar de lado muito de seu trabalho pioneiro, a fim de defender sua profissão de um bloqueio legal à avenida mais promissora. No momento em que eu e ele travávamos essas conversas em parte excitantes, em parte desanimadoras, em agosto de 2011, um juiz federal de Washington ordenou a suspensão de todos os gastos governamentais em pesquisa de células-tronco embrionárias. O juiz Royce Lamberth respondia assim ao processo movido por defensores da chamada emenda Dickey-Wicker, batizada com o nome da dupla que em 1995 conseguiu proibir gastos federais em qualquer pesquisa que utilize um embrião humano. Como cristão praticante, Francis se incomodava com a criação para fins de pesquisa desses aglomerados não conscientes de células (assim como eu também, caso se interessem), mas esperava que um bom trabalho resultasse da utilização de embriões *já existentes*, criados por fertilização *in vitro*. Do jeito que estão, esses embriões não darão em nada. Mas agora maníacos religiosos lutam para proibir até mesmo sua utilização, a qual ajudaria aqueles que esses mesmos maníacos consideram colegas humanos do embrião não formado! Os patrocinadores politizados desse absurdo pseudocientífico deveriam se envergonhar de viver e, mais ainda, de morrer. Se você quiser tomar parte da "guerra" ao câncer e a outras doenças terríveis, então junte-se à batalha contra a estupidez letal.

Capítulo 4

Desde que fui derrubado no meio de uma turnê literária no verão de 2010, eu adorei e aproveitei todas as chances de recuperar o tempo perdido e ter o maior número possível de compromissos. Debater e palestrar são para mim o fôlego da vida, e eu respiro fundo sempre que possível, onde for possível. Gosto também do tempo passado com você, caro leitor, esteja ou não com o recibo de um reluzente novo exemplar de minhas memórias. Mas eis o que aconteceu há algumas semanas. Imagine, se puder, que estou sentado à minha mesa e sou abordado por uma mulher de aparência maternal (um elemento fundamental da minha demografia):

Ela: Lamentei muito saber que esteve doente.

Eu: Obrigado por dizer isso.

Ela: Um primo meu teve câncer.

Eu: Ah, *lamento* saber disso.

Ela: [*Enquanto a fila de clientes aumenta atrás dela*] Sim, no fígado.

Eu: Isso nunca é bom.

Ela: Mas desapareceu depois que os médicos haviam dito a ele que era incurável.

Eu: Bem, é o que todos queremos ouvir.

Ela: [*Com aqueles no fim da fila começando a dar sinais de impaciência*] Sim. Mas depois voltou, *muito* pior que antes.

Eu: Ah, que horrível.

Ela: E então ele morreu. Foi atroz. *Atroz*. Pareceu levá-lo para sempre.

Eu: [*Começando a procurar palavras*] ...

Ela: Claro que ele foi homossexual a vida toda.

Eu: [*Sem conseguir encontrar palavras e não querendo soar idiota repetindo "claro"*] ...

Ela: E toda a família o abandonou. Ele morreu virtualmente só.

Eu: Bem, eu não sei o que…

Ela: De qualquer forma, só queria que soubesse que entendo *exatamente* o que você está passando.

Foi um diálogo surpreendentemente exaustivo, e eu poderia muito bem ter passado sem ele. Esse encontro me fez pensar que talvez haja mercado para um pequeno manual de etiqueta do câncer. Seria destinado aos doentes e também aos simpatizantes. Afinal, não tenho sido exatamente reticente sobre minha própria doença. Mas também não circulo exibindo um enorme broche de lapela dizendo: pergunte-me sobre câncer de esôfago em metástase no quarto estágio e apenas sobre isso. Se você não for capaz de me apresentar novidades a respeito deste assunto, e sobre o que acontece quando nódulos linfáticos e pulmão estão envolvidos, eu não estou interessado em saber, nem quero entender. A pessoa quase desenvolve uma espécie de elitismo sobre a singularidade de seu quadro individual. Então, se sua história de primeira ou de segunda mão é sobre algum outro órgão, talvez devesse pensar em contá-la com mais parcimônia, ou pelo menos de forma mais seletiva. Essa sugestão se aplica caso a história seja intensamente deprimente e desanimadora – ver acima – ou caso pretenda transmitir ânimo e otimismo: "Minha avó recebeu o diagnóstico de melanoma terminal no ponto G e simplesmente desistiram dela. Mas ela se aferrou, recebeu doses enormes de quimioterapia e radiação ao mesmo tempo, e o último cartão-postal que recebemos dela foi do alto do Monte Everest". Mais uma vez, sua narrativa pode não ter efeito caso não tenha tomado o cuidado de descobrir se sua plateia está indo (ou se sentindo) bem ou mal.

Normalmente é consenso que a pergunta "Como vai?" não o obriga a dar uma resposta completa ou honesta. Então, quando a fazem para mim hoje em dia eu tendo a dizer algo críptico como "Um pouco cedo para dizer". (Se é a maravilhosa equipe de minha clínica oncológica que pergunta, chego ao ponto de responder: "Pareço ter um câncer hoje".) Ninguém quer ouvir os incontáveis pequenos horrores e humilhações que se tornam fatos da "vida" quando seu corpo se transforma de amigo em inimigo: a tediosa alternância entre prisão de ventre e seu repentino oposto dramático; a mistura igualmente repulsiva de

sentir enorme fome ao mesmo tempo que teme até mesmo o cheiro de comida; a absoluta infelicidade da náusea de retorcer entranhas em um estômago totalmente vazio; ou a descoberta patética de que a perda de pelos se estende ao desaparecimento dos folículos em suas narinas e, portanto, o fenômeno infantil e irritante de um nariz permanentemente escorrendo. Lamento, mas você perguntou... Não é divertido apreciar a verdade da proposta materialista de que eu não *tenho* um corpo, eu *sou* um corpo.

Mas também não é possível adotar uma postura de "Não pergunte, não conte".[2] Assim como a original, esta é uma receita de hipocrisia e parâmetros duplos. Amigos e parentes, obviamente, não têm a opção de não fazer perguntas gentis. Uma forma de tentar deixá-los à vontade é ser o mais sincero possível e não adotar qualquer espécie de eufemismo ou negação. A forma mais rápida de fazer isso é sublinhar que depois do Estágio Quatro não há um Estágio Cinco. De fato, isso às vezes me pega. Recentemente, tive de aceitar que não poderia ir ao casamento de minha sobrinha na minha antiga cidade natal e ex-universidade, em Oxford. Isso me deprimiu por mais de uma razão, e uma pessoa especialmente íntima perguntou: "Você tem medo de não ver a Inglaterra outra vez?". Como de costume, ela foi certeira na pergunta, era isso mesmo que me incomodava, mas fiquei irracionalmente chocado com sua secura. Eu me preocupo em encarar os fatos difíceis, obrigado. Não faça isso você também. E ainda assim, decididamente, eu havia pedido aquela pergunta de certa forma. Ao dizer a outra pessoa, com intencional realismo, que assim que tivesse feito mais alguns exames por imagem e tratamentos eu poderia ouvir dos médicos que a partir de então seria tudo uma questão de "administrar", mais uma vez perdi o fôlego quando ela falou: "Sim, imagino que chegue uma hora em que você precisa considerar que tem de partir". Muito verdadeiro, e um resumo bem seco do que eu mesmo acabara de dizer. Mas, novamente, havia a necessidade irracional de ter uma espécie de monopólio do – ou de veto ao – que podia ser dito. A posição de vítima de câncer embute uma tentação permanente de ser autocentrado e até mesmo solipsista.

Então, meu manual de etiqueta também teria de impor deveres a mim, bem como àqueles que falam demais, ou de menos, na tentativa de disfarçar o

inevitável constrangimento nas relações diplomáticas entre Tumorlândia e seus vizinhos. Se você quiser um bom exemplo de como não ser um embaixador do primeiro, ofereço a você o livro e o vídeo de *A lição final*. Seria de mau gosto dizer que isso – um adeus pré-gravado do falecido professor Randy Pausch – se tornou "viral" na internet, mas assim foi. O vídeo deveria vir acompanhado de um alerta de saúde: é tão adocicado que você talvez precise de uma injeção de insulina para suportá-lo. Pausch costumava trabalhar para a Disney e seus programas. Ele inclui toda uma seção em defesa dos clichês, sem omitir "Afora isso, sra. Lincoln, como foi a peça?".[3] As palavras "garoto", "infância" e "sonho" são usadas como que pela primeira vez. ("Qualquer um que use 'infância' e 'sonho' na mesma frase costuma capturar minha atenção.") Pausch lecionou no Carnegie Mellon, mas é na tecla Dale Carnegie[4] que ele gosta de bater. ("Muros de tijolos estão lá por uma razão... Para nos dar uma chance de mostrar o quanto desejamos algo.") Claro que você não precisa ler o livro de Pausch, mas muitos alunos e colegas tiveram de ir à palestra, na qual Pausch fez flexões, exibiu vídeos caseiros, fez caretas para a câmera e basicamente se entregou a palhaçadas. Deveria ser crime mostrar-se um mártir sem graça em circunstâncias em que sua plateia é quase moralmente obrigada a se entusiasmar. Foi à sua maneira uma intrusão como a da incansável figura maternal com a qual abri este texto. À medida que as populações de Tumorlândia e Saúdevila continuam a inchar e "interagir", há uma necessidade crescente de regras para impedir que se firam umas às outras.

Capítulo 5

I have seen the moment of my greatness flicker,
And I have seen the eternal Footman hold my coat, and snicker,
And in short, I was afraid.
T. S. Eliot, "The Love Song of J. Alfred Prufrock"

(Eu vi o momento de minha grandeza falsear,
E vi o eterno Lacaio segurar meu casaco e dar um riso abafado,
E, resumindo, tive medo.)

Como tantas das experiências da vida, a novidade do diagnóstico de um câncer maligno tende a se dissipar. As coisas começam a ficar tediosas, até mesmo banais. É possível se acostumar ao espectro da morte como um velho entediado e letal espreitando no corredor no final da noite, esperando uma oportunidade de me abordar. E eu não me oponho a ele segurar meu casaco daquele modo formal, como que me lembrando que é hora de seguir caminho. Não, é o risinho abafado que me deprime.

Com demasiada regularidade, a doença me serve um atrativo especial do dia, ou um sabor do mês. Podem ser feridas e úlceras aleatórias, na língua ou na boca. Por que não um toque de neuropatia periférica envolvendo pés dormentes e frios? A existência diária se torna uma coisa de bebê, medida não nas colheres de café do Prufrock de T. S. Elliot, mas em pequenas doses de alimento, acompanhadas de barulhos encorajadores dos espectadores ou de discussões solenes e em tom maternal com estranhos sobre as operações do sistema digestivo. Nos dias menos bons, eu me sinto como aquele leitão de perna de pau da família sadicamente sentimental, que só consegue comê-lo um pedaço de cada vez.[5] Com a diferença de que o câncer não é tão... atencioso.

O mais desalentador e alarmante até agora foi o momento em que minha

voz de repente se transformou num agudo guincho infantil (ou talvez suíno). Ela, então, começou a variar bastante, de um sussurro rouco e rascante até um balido frágil e melancólico. E em certos momentos ameaçava, e agora ameaça todos os dias, a desaparecer completamente. Eu tinha acabado de voltar de duas palestras na Califórnia, onde, com a ajuda de morfina e adrenalina, ainda conseguira "projetar" com sucesso minhas falas, até que fiz uma tentativa de chamar um táxi na frente de casa – e nada aconteceu. Fiquei de pé, paralisado, como um gato bobo que de repente perdeu seu miado. Eu costumava ser capaz de deter um táxi nova-iorquino a trinta passos de distância. Conseguia também, sem microfone, alcançar a última fila e a galeria de uma lotada sala de conferências. E pode não ser algo de que se vangloriar, mas as pessoas me diziam que mesmo na sala ao lado, com o rádio ou o televisor ligados, elas sempre conseguiam identificar meu tom e saber que eu estava "no ar".

Como a própria saúde, a perda de tal coisa não pode ser imaginada até que acontece. Assim como todo mundo, brinquei de versões do jogo juvenil "o que você preferiria?", no qual normalmente se debatia se o mais opressivo seria a cegueira ou a surdez. Mas não me lembro de ter especulado muito sobre de repente ficar mudo. (Como no linguajar americano "*dumb*" é mais associado a idiota do que a mudo, dizer "*I'd really hate to be dumb*" poderia provocar outro risinho abafado.) A privação da capacidade de falar é mais como um ataque de impotência, ou a amputação de uma parte da personalidade. Em grande medida, em público e em particular, eu "era" minha voz. Todos os rituais e a etiqueta da conversa – desde pigarrear nos preparativos para contar uma piada longa e exigente até (nos dias de juventude) tentar tornar minhas propostas mais persuasivas enquanto eu estrategicamente baixava o tom em uma oitava de constrangimento – eram inatos e essenciais para mim. Nunca fui capaz de cantar, mas podia recitar poesia e citar prosa, e algumas vezes era até mesmo convidado a fazê-lo. E *timing* é tudo na fala: há o momento preciso para arrematar uma história, para enfatizar um verso, para produzir riso ou para ridicularizar um oponente. Eu vivia para momentos assim. Agora, quando quero entrar numa conversa, tenho de chamar a atenção de alguma outra forma, e suportar o fato terrível de que as pessoas então me escutarão "com simpatia". Pelo menos, elas não precisam emprestar sua atenção por muito tempo: eu não

consigo mantê-la e, de qualquer forma, não aguentaria fazê-lo.

Quando você fica doente as pessoas lhe dão cds. Pela minha experiência, com grande frequência eles são de Leonard Cohen. Então, recentemente aprendi uma canção, intitulada "If it be your will". É um pouquinho piegas, mas belamente interpretada, e começa assim:

If it be your will,
That I speak no more,
And my voice be still,
As it was before...

(Se for seu desejo
Que eu não fale mais
E minha voz ainda seja,
Como foi antes...)

Acho melhor não ouvir isso tarde da noite. Leonard Cohen é inimaginável sem, e indissolúvel de, sua voz. (Agora duvido que quisesse, ou suportasse, ouvir essa canção com qualquer outro intérprete.) Digo a mim mesmo que, de certa forma, conseguiria me arrastar à frente me comunicando apenas por escrito. Mas isso só é assim por causa de minha idade. Caso tivesse sido privado de minha voz antes, duvido que teria conseguido progredir no papel. Tenho uma enorme dívida para com Simon Hoggart, do *Guardian* (filho do autor de *The uses of literacy*), que há trinta e cinco anos me advertiu que um artigo meu era bem concebido mas tedioso, e me aconselhou rispidamente a escrever "mais do modo como você fala". Na época, fiquei quase sem palavras com a acusação de ser tedioso, e jamais agradeci a ele adequadamente, mas com o tempo compreendi que meu medo de autoindulgência e de pronome pessoal era, em si, uma forma de indulgência.

Mais tarde, ao dar minhas aulas de redação, começava dizendo que qualquer um capaz de falar também pode escrever. Depois de animar a turma com essa escada fácil, eu então a substituía por uma enorme cobra odiosa:

"Quantas pessoas nesta turma vocês diriam que sabem falar? Quero dizer, falar de verdade?". Isso tinha o devido efeito deprimente. Eu dizia a eles para lerem seus textos em voz alta, preferencialmente para um amigo de confiança. As regras são quase as mesmas: fuja das frases feitas (como da peste, costumava dizer William Safire) e das repetições. Não diga que "quando garoto sua avó costumava ler para você", a não ser que naquele estágio da vida ela realmente *tivesse* um garoto, circunstância que, de qualquer forma, provavelmente exigiria de você uma introdução melhor. Se algo merece ser escutado, muito provavelmente merece ser lido. Então, descubra sua própria *voz*.

O cumprimento mais prazeroso que um leitor pode me fazer é dizer que sente que me dirijo a ele. Pense em seus autores preferidos e veja se essa não é uma das coisas que o cativa, sem que você tenha percebido isso, de início. Uma boa conversa é o único equivalente humano: é quando você percebe que observações decentes estão sendo feitas e compreendidas, que há ironia envolvida, e elaboração, e que um comentário tedioso ou óbvio seria quase fisicamente doloroso. Foi como a filosofia evoluiu nos simpósios, antes de ser escrita. A poesia começou com a voz sendo o único instrumento de execução e o ouvido, o único instrumento de registro. De fato, não conheço nenhum escritor realmente bom que fosse surdo. Como alguém poderia, mesmo com a inteligente sinalização do bom abade de l'Épée,[6] apreciar as minúsculas torções e os êxtases de nuances que uma voz bem afinada transmite? Henry James e Joseph Conrad *ditaram*, de fato, seus romances tardios – o que deve ser um dos maiores feitos vocais de todos os tempos, embora ambos possam ter se beneficiado de ouvir algumas passagens lidas de volta para eles –, e Saul Bellow ditou muito do *Humboldt's Gift*. Sem nossa correspondente compreensão do idioleto – a marca no modo como um indivíduo fala e, portanto, escreve –, seríamos privados de todo um mundo de simpatia humana, e de seus prazeres em tom menor de imitação e paródia.

De modo mais solene: "Tudo o que tenho é uma voz", escreveu W. H. Auden em "September 1, 1939", sua tentativa agoniada de compreender o, e se opor ao, triunfo do mal radical. "Quem pode alcançar o surdo?", perguntou ele,

desesperadamente. "Quem pode falar pelo mudo?" Mais ou menos na mesma época, a judia alemã Nelly Sachs, futura ganhadora do Nobel, descobriu que o surgimento de Hitler a deixara literalmente sem fala: roubara dela sua voz pela total negação de todos os valores. Nosso próprio idioma cotidiano preserva a ideia, embora de forma amenizada: quando uma dedicada figura pública morre, os obituários com frequência dizem que ela foi "uma voz" para os que não são ouvidos.

Da garganta humana também podem emergir terríveis venenos: pranto, monotonia, queixumes, gritos, incitação ("o lixo militante mais vazio", como Auden definiu no mesmo poema) e mesmo risinhos abafados. É a chance de erguer pequenas vozes serenas contra essa torrente de falatório e ruído, as vozes de perspicácia e contenção pelas quais se anseia. Todas as melhores lembranças de sabedoria e amizade, da *Apologia de Sócrates* por Platão ao *Life of Johnson* de James Boswell, vibram com os momentos não ditos, não programados, de inter-relação, razão e especulação. É em embates como este, competindo e se comparando com outros, que se pode esperar descobrir o fugidio e mágico *mot juste*, a palavra certa. Para mim, recordar amizade é recordar conversas que parecia um pecado interromper: aquelas que transformavam o sacrifício do dia seguinte em algo banal. Foi o modo pelo qual Calímaco escolheu lembrar de seu amado Heráclito:

They told me, Heraclitus; they told me you were dead.
They brought me bitter news to hear, and bitter tears to shed.
I wept when I remembered how often you and I
Had tired the sun with talking, and sent him down the sky.
(Eles me contaram, Heráclito; eles me contaram que você estava morto.
Eles me levaram notícias amargas de ouvir, e lágrimas amargas a derramar.
Eu chorei quando lembrei com que frequência você e eu
Havíamos cansado o sol conversando, e o baixado do céu.)

De fato, ele sustenta a imortalidade do amigo na doçura de seus tons:

Still are thy pleasant voices, thy nightingales, awake;

For Death, he taketh all away, but them he cannot take.

(Ainda estão tuas vozes agradáveis, teus rouxinóis despertos;
Pois a Morte leva tudo, mas elas, não pode levar.)

Talvez um pouco exaltado demais nesse verso final...

Na literatura médica, a corda vocal é uma mera "prega", um pedaço de cartilagem que se esforça para se esticar e tocar sua gêmea, assim criando a possibilidade de efeitos sonoros. Mas sinto que tem de haver uma relação profunda com a palavra "corda": a vibração ressoante que pode despertar lembranças, produzir música, evocar amor, gerar lágrimas, conduzir multidões à piedade e turbas à paixão. Podemos não ser, como costumávamos nos vangloriar, os únicos animais capazes de discursar. Mas somos os únicos que podem utilizar a comunicação verbal puramente por prazer e diversão, combinando isso com nossas duas outras fanfarrices de razão e humor para produzir sínteses mais elevadas. Perder essa habilidade é ser privado de toda uma gama de capacidades: certamente é morrer mais que um pouco.

Meu maior consolo neste ano vivendo moribundo tem sido a presença de amigos. Já não consigo comer ou beber por prazer, então quando eles se oferecem para vir é só pela abençoada oportunidade de conversar. Alguns desses camaradas podem facilmente encher um auditório de pagantes ávidos para ouvi-los: são falantes com os quais é um privilégio simplesmente estar. Agora eu, pelo menos, posso escutar de graça. Eles podem vir e me ver? Sim, mas só eles falam, eu escuto. Então, agora, todo dia vou para uma sala de espera e vejo as notícias terríveis sobre o Japão na tv a cabo (frequentemente em *closed-caption*, apenas para me torturar), e espero impaciente que uma grande dose de prótons seja disparada para dentro do meu corpo a dois terços da velocidade da luz. O que espero? Se não uma cura, uma remissão. E o que quero de volta? Na mais bela composição de duas das palavras mais simples do idioma, liberdade de expressão.

Capítulo 6

Death has this much to be said for it:
You don't have to get out of bed for it.
Wherever you happen to be
They bring it to you — free.
Kingsley Amis

(Isso se pode dizer da morte:
Você não precisa sair da cama por ela;
Onde quer que esteja
Eles a levam a você – de graça.)

Pointed threats, they bluff with scorn
Suicide remarks are torn
From the fool's gold mouthpiece the hollow horn
Plays wasted words, proves to warn
That he not busy being born is busy dying.
Bob Dylan, "It's Alright, Ma (I'm Only Bleeding)"

(No gozo, eles blefam com desprezo
Observações suicidas são rasgadas
Do bocal dourado do louco, o chifre oco
Toca palavras gastas, é para avisar
Que ele não está se ocupando em nascer, está ocupado morrendo.)

Quando chegou a hora e o velho Kingsley sofreu uma queda desmoralizante e desorientadora, ele foi para sua cama e finalmente virou o rosto para a parede. Depois disso, não de todo deitado esperou pelo serviço de quarto hospitalar – "Mate-me, seu maldito idiota!", exclamou ele certa vez, de forma alarmante,

para o filho Philip –, mas, essencialmente, esperou com passividade pelo fim. Que veio, sem muita agitação e sem peso.

O sr. Robert Zimmerman, de Hibbing, Minnesota, teve pelo menos um encontro íntimo com a morte, mais de uma atualização e revisão de sua relação com o todo-poderoso e as Quatro Últimas Coisas,[7] e parece continuar demonstrando que há muitas formas diferentes de provar que alguém está vivo. Afinal, considerando as alternativas...

Antes de receber o diagnóstico de câncer de esôfago há um ano e meio, eu muito animadamente contei aos leitores de minhas memórias que, diante da extinção, queria estar plenamente consciente e desperto, de modo a "ter" a morte no sentido ativo, e não no passivo. E ainda tento alimentar aquela pequena chama de curiosidade e desafio: disposto a tocar a corda até o fim e desejando não ser poupado de nada que diz respeito a uma vida. Contudo, uma coisa que a doença grave faz é levá-lo a examinar princípios conhecidos e ditos aparentemente confiáveis. E há um que eu percebo que não estou dizendo com a mesma convicção de antes: em particular, parei um pouco de anunciar que "o que não me mata me fortalece".

De fato, agora fico pensando em por que um dia achei isso profundo. Normalmente é atribuído a Friedrich Nietzsche: *Was mich nicht umbringt macht mich stärker*. Em alemão é lido e soa mais como poesia, motivo pelo qual me parece provável que Nietzsche o tenha tomado emprestado de Goethe, que escrevera um século antes. Mas a rima sugere uma razão? Talvez sim, pode ser que sim, na questão das emoções. Consigo me lembrar de pensar em momentos difíceis envolvendo amor e ódio, dos quais, por assim dizer, saí com vantagens, com alguma força conquistada da experiência a qual eu não poderia ter adquirido de outra forma. E uma vez ou duas, ao sair andando de um carro acidentado ou de um encontro íntimo com a destruição enquanto fazia reportagens no exterior, experimentei uma sensação bastante tola de ter sido fortalecido pela desventura. Mas isso não é mais que dizer "Sigo em frente pela graça de deus", que não é mais que "A graça de deus me abraçou feliz e passou por cima daquele outro homem infeliz".

No mundo físico bruto, e naquele abarcado pela medicina, há coisas demais que

podem matá-lo, não matá-lo ou deixá-lo consideravelmente mais fraco. Nietzsche estava destinado a descobrir isso da forma mais difícil possível, o que torna adicionalmente perturbador que ele tenha escolhido incluir a máxima em sua antologia de 1889 *Crepúsculo dos ídolos*. (Em alemão é *Götzen-Dämmerung*, claramente ecoando o épico de Wagner. Possivelmente sua grande divergência com o compositor, tendo ele ficado horrorizado com o repúdio por Wagner dos clássicos em benefício de mitos e lendas de sangue alemães, foi uma das coisas que deram a Nietzsche força moral e coragem. O subtítulo do livro – "Como filosofar com o martelo" – tinha muito de bravata.)

No restante da vida, no entanto, Nietzsche sofreu com os efeitos da sífilis, muito provavelmente contraída durante seu primeiro encontro sexual, que lhe resultou em enxaquecas terríveis, ataques de cegueira, e por fim demência e paralisia. Isso, embora não o tenha matado de imediato, certamente contribuiu para sua morte, e nesse meio-tempo não se pode dizer que o tenha tornado mais forte. Durante sua decadência mental, ele se convenceu de que o feito cultural mais importante possível seria provar que as peças de Shakespeare haviam sido escritas por Bacon. Um sinal incontestável de avançada exaustão intelectual e mental.

(Tenho um leve interesse nisso, porque há pouco tempo fui convidado a debater religião por uma emissora de rádio cristã no Sul profundo dos Estados Unidos. Meu entrevistador sustentou uma cuidadosa cortesia sulista o tempo todo, sempre me dando tempo suficiente para apresentar minhas ideias, e então me surpreendeu perguntando se, de alguma forma, eu me via como um nietzschiano. Respondi negativamente, dizendo que concordava com algumas das ideias propostas pelo grande homem, mas não devia a ele nenhuma grande perspectiva de mundo e achava seu desprezo pela democracia um tanto desconcertante. Tentei acrescentar que H. L. Mencken e outros também o haviam utilizado para justificar algumas grosseiras posturas social-darwinistas sobre a inutilidade de ajudar os "desajustados". E sua assustadora irmã, Elisabeth, se valera de sua decadência para distorcer-lhe a obra, como se tivesse sido escrita em apoio ao movimento nacionalista antissemita alemão. Isso talvez tenha dado a Nietzsche uma imerecida reputação póstuma de fanático. O entrevistador continuou pressionando, perguntando se sabia que muito da obra

de Nietzsche fora produzido quando ele sofria de sífilis em estado terminal. Novamente respondi que ouvira falar disso e não via motivo para duvidar, embora também não tivesse conhecimento de qualquer confirmação. No momento em que ficava tarde e eu ouvia a vinheta de encerramento do programa e o aviso de que não tínhamos mais tempo, meu anfitrião se apressou em dizer que acreditava que meus próprios textos sobre deus talvez tivessem sido influenciados por mal semelhante! Eu devia ter previsto a "pegadinha", mas fiquei sem palavras.)

No final, e em circunstâncias infelizes na cidade italiana de Turim, Nietzsche ficou arrasado com a visão de um cavalo sendo cruelmente espancado na rua. Ao correr para lançar os braços ao redor do pescoço do animal, sofreu uma terrível convulsão e aparentemente passou o restante de sua dolorosa e assombrada vida aos cuidados da mãe e da irmã. A data do trauma em Turim é potencialmente interessante. Ocorreu em 1889, e sabemos que em 1887 Nietzsche havia sido fortemente influenciado por sua descoberta da obra de Dostoiévski. Parece haver uma correspondência quase fantástica entre o episódio da rua e o medonho sonho experimentado por Raskolnikov na véspera de cometer os assassinatos decisivos de *Crime e castigo*. O pesadelo, que é impossível esquecer depois que você o leu, envolve o espancamento terrivelmente prolongado de um cavalo até a morte. Seu dono o açoita nos olhos, esmaga sua coluna com um bastão, convoca espectadores para ajudar no açoitamento... Não somos poupados de nada. Se a horrenda coincidência foi suficiente para produzir o desequilíbrio final de Nietzsche, ele devia estar enormemente enfraquecido ou chocantemente vulnerável por conta de seus outros sofrimentos não relacionados. Então, eles de modo algum serviram para torná-lo mais forte. O máximo que Nietzsche poderia querer dizer, penso hoje, é que aproveitou ao máximo seus poucos intervalos sem dor e loucura para colocar no papel suas coletâneas de aforismos e paradoxos penetrantes. Isso pode ter lhe dado a impressão eufórica de que estava triunfando e fazendo uso da Vontade de Poder. *Crepúsculo dos ídolos* foi publicado quase simultaneamente ao horror em Turim, de modo que a coincidência foi levada mais longe do que poderia razoavelmente ir.

Ou tome-se como exemplo um filósofo totalmente diferente e mais contido, mais próximo de nossa própria época. O falecido professor Sidney Hook era um famoso materialista e pragmatista, que escreveu tratados sofisticados sintetizando a obra de John Dewey e Karl Marx. Também era um ateu determinado. No final de sua longa vida, ficou gravemente doente e começou a refletir sobre o paradoxo de – estando baseado na Meca médica de Stanford, Califórnia – ter à disposição um nível de cuidados sem precedentes na história e, ao mesmo tempo, ser exposto a um grau de sofrimento que gerações anteriores poderiam não ser capazes de suportar. Pensando nisso após uma experiência especialmente horrível da qual acabou se recuperando, ele decidiu que no final das contas teria preferido morrer:

> Cheguei ao ponto da morte. A insuficiência cardíaca congestiva foi tratada com finalidade diagnóstica por meio de um angiograma, que provocou um derrame. Soluços violentos e dolorosos, ininterruptos durante vários dias e noites, impediram a ingestão de comida. Meu lado esquerdo e uma de minhas cordas vocais ficaram paralisadas. Alguma forma de pleurisia se instalou, e senti que estava me afogando em um mar de muco. Em um dos intervalos de lucidez durante aqueles dias de agonia, pedi a meu médico para suspender os mecanismos de sustentação de vida, ou me mostrar como fazer isso.

O médico recusou o apelo, garantindo a Hook de modo muito altivo que "algum dia ele perceberia a falta de sabedoria do seu pedido". Mas o filósofo estoico, do ponto de vista da continuação da vida, continuava insistindo em que gostaria de ter a permissão para expirar. Ele ofereceu três razões. Outro derrame doloroso poderia atingi-lo, obrigando-o a sofrer tudo aquilo novamente. Sua família se via forçada a passar por uma experiência infernal. Recursos médicos estavam sendo investidos sem sentido. Ao longo do ensaio, ele usou uma frase poderosa para descrever a posição de outros que sofriam da mesma forma, dizendo que todos se deitavam em "túmulos de colchão".

Se voltar à vida não conta como algo que não o mata, então o que conta? E, ainda assim, parece não haver sentido significativo no que tornou Sidney Hook "mais forte". De fato, isso parece ter voltado a atenção dele para o modo pelo qual cada debilitação se soma à anterior e se torna uma infelicidade cumulativa, com um único resultado possível. Afinal, se fosse diferente, cada ataque, cada derrame, cada soluço vil, cada acesso de muco iria coletivamente

se somar e aumentar a resistência. E isso é claramente absurdo. Então, ficamos com algo bastante incomum nos anais das abordagens não sentimentais da extinção: não o desejo de morrer com dignidade, mas o desejo de *ter morrido*.

O professor Hook nos deixou finalmente em 1989. Sou uma geração mais nova do que ele. Não cheguei tão perto do final amargo quanto ele teve de chegar, nem tive tempo de pensar em uma conversa tão dura com um médico. Mas me lembro de ficar deitado ali, olhando para meu tronco nu, coberto quase da garganta ao umbigo por uma vívida dermatite vermelha de radiação. Isso era fruto de um mês de bombardeio com prótons que queimara todo o câncer em meus nódulos clavicular e paratraqueal, bem como o tumor original no esôfago. Isso me incluiu numa categoria rara de pacientes, que podiam alegar ter recebido a terapia mais avançada disponível apenas para o código de área estelar do MD Anderson Cancer Center, de Houston. Dizer que a dermatite dói seria inútil. A luta é para transmitir o modo como ela dói *por dentro*. Fiquei deitado dias a fio, tentando em vão adiar o momento em que teria de engolir. Cada vez que engolia, uma onda de dor infernal subia por minha garganta, culminando no que parecia um chute de mula na base das costas. Ficava pensando se as coisas pareciam tão vermelhas e inflamadas do lado de dentro quanto eram do lado de fora. E, então, tive um maldoso pensamento espontâneo: caso tivesse sido informado disso tudo antes, teria optado pelo tratamento? Houve vários momentos, enquanto me contorcia, remexia, engasgava e xingava, em que duvidei seriamente disso.

Provavelmente é uma misericórdia que a dor seja impossível de descrever de memória. Também é impossível alertar contra ela. Se meus médicos de prótons tivessem tentado me dizer com antecedência, talvez pudessem ter falado em "grave desconforto" ou, talvez, em sensação de queimadura. Só sei que absolutamente nada teria me preparado ou fortalecido para essa coisa que parecia ignorar analgésicos e me atacar em meu cerne. Eu agora pareço não ter mais opções de radiação naqueles pontos (trinta e cinco dias seguidos são considerados o máximo que alguém pode receber) e, embora isso não seja de modo algum uma boa notícia, me poupa de ter de pensar se voluntariamente suportaria o mesmo tratamento outra vez.

Mas, também por misericórdia, agora não consigo recordar de como me senti durante aqueles dias e noites dilacerantes. E desde então tive alguns intervalos de robustez relativa. Portanto, como um ator racional, considerando a radiação junto com a reação e a recuperação, tenho de concordar que se tivesse recusado o primeiro estágio, evitando o segundo e o terceiro, já estaria morto. E isso não tem apelação.

Contudo, não há como negar o fato de que estou enormemente mais fraco desde então. Parece ter se passado muito tempo desde que eu presenteei a equipe de prótons com um champanhe e embarquei quase lépido em um táxi. Durante minha internação seguinte, em Washington, a instituição me presenteou com uma violenta pneumonia por estafilococos (e me mandou para casa duas vezes com ela), o que quase acabou comigo. A fadiga aniquiladora que tomou conta de mim em consequência disso continha a ameaça mortal de rendição ao inescapável: quase sempre veria fatalismo e resignação se abatendo desalentadoramente sobre mim enquanto eu fracassava na luta contra minha inanição geral. Apenas duas coisas me salvaram de me trair e desistir: uma esposa que se recusava a me ouvir reclamando dessa forma tediosa e inútil e vários amigos que também falavam francamente sobre isso. Ah, e o analgésico básico. Com que felicidade eu programava meu dia enquanto via a injeção ser preparada. Era um grande evento. Com sorte, no caso de alguns analgésicos, você consegue sentir o efeito acontecendo: uma espécie de formigamento quente com um êxtase idiota. Cheguei a isso – como os tristes idiotas que atacam farmácias em busca de OxyContin. Mas era um alívio ao tédio, um prazer culpado (não há muitos deles em Tumorlândia) e, não menos importante, um alívio da dor.

Em minha família inglesa, o papel de poeta nacional não era ocupado por Philip Larkin, mas por John Betjeman, bardo dos subúrbios e da classe média, e uma presença muito mais cáustica do que a figura delicada que ele algumas vezes apresentava ao mundo. Seu poema "Five O'Clock Shadow" o mostra muito menos sedoso:

This is the time of day when we in the Men's Ward
Think "One more surge of the pain and I give up the fight,"

When he who struggles for breath can struggle less strongly:
This is the time of day that is worse than night.

(Esta é a hora do dia em que nós na ala masculina
Pensamos: "Mais um acesso da dor e eu desisto da luta",
Quando aquele que lutar para respirar pode lutar com menos força:
Esta é a hora do dia que é pior que a noite.)

Passei a conhecer bem esse sentimento: a sensação e a convicção de que a dor nunca irá passar e que a espera pela dose seguinte é injustamente demorada. Então, um surto repentino de falta de fôlego, seguido por alguma tosse inútil e depois – se for um dia nojento – mais expectoração do que consigo suportar. Canecas de saliva velha, eventualmente muco, e desde quando, inferno, eu preciso de *azia* neste exato instante? Não é como se tivesse comido algo: um tubo transporta todo o meu alimento. Tudo isso, e o ressentimento infantil que vem junto, produz enfraquecimento. Da mesma forma como a impressionante perda de peso, que o tubo parece incapaz de combater. Perdi quase um terço de minha massa muscular desde o diagnóstico do câncer: isso pode não me matar, mas a atrofia muscular torna ainda mais difícil fazer até os exercícios simples sem os quais ficarei ainda mais fraco.

Digito isto tendo acabado de receber uma injeção para tentar reduzir a dor em meus braços, mãos e dedos. O principal efeito colateral dessa dor é dormência nas extremidades, me enchendo do medo irracional de que poderei perder a capacidade de escrever. Sem essa capacidade, tenho certeza antecipada, minha "vontade de viver" seria enormemente atenuada. Costumo dizer de forma grandiosa que escrever é não apenas minha forma de vida e de ganhar a vida, mas minha própria vida, e isso é verdade. Quase como a ameaça de perda da voz, que atualmente vem sendo aliviada com algumas injeções temporárias nas pregas vocais, sinto minha personalidade e minha identidade se dissolvendo enquanto contemplo mãos mortas e a perda das correias de transmissão que me ligam à escrita e ao pensamento.

Essas são fraquezas progressivas que em uma vida mais "normal" poderiam

ter levado décadas para tomar conta de mim. Mas, como na vida normal, a pessoa descobre que cada dia que passa representa mais e mais sendo implacavelmente subtraído de menos e menos. Em outras palavras, o processo ao mesmo tempo o enfraquece e o leva mais perto da morte. Como poderia ser diferente? Quando estava começando a refletir sobre isso, deparei com um artigo sobre o tratamento de distúrbio de estresse pós-traumático. Hoje, por experiência caramente adquirida, sabemos muito mais sobre esse mal. Aparentemente, um dos sintomas pelos quais ele se revela é o que um veterano calejado dirá, buscando lançar luz sobre sua experiência, que "o que não me mata me fortalece". Esta é uma das manifestações da "negação".

Eu sinto atração pela etimologia alemã da palavra *stark* e sua derivação usada por Nietzsche, *stärker*, que significa mais forte. Em iídiche, chamar alguém de *shtarker* é dar a ele o crédito de lutador, de sujeito durão, alguém que trabalha duro. Até agora decidi aceitar o que minha doença puder jogar sobre mim e permanecer combativo, mesmo enquanto acompanho minha inevitável decadência. Eu repito, isso não é mais do que uma pessoa saudável tem de fazer em câmera lenta. É nosso destino comum. Mas nos dois casos é possível dispensar máximas banais que não justificam sua aparente importância.

Posso ter aberto uma exceção à minha regra nascente de que é preciso desconfiar de Nietzsche ou ao meu fingimento para comigo mesmo de que tinha recursos que verdadeiramente talvez não tivesse. Uma boa parte da vida com câncer tem a ver com o sangue, do qual o câncer de fato é o mal particular. O doente se verá "dando" uma boa quantidade do fluido, seja para facilitar a abertura de um cateter, seja para examinar os níveis de açúcar e outras substâncias no sangue. Durante anos achei absurdamente fácil me submeter a exames de sangue de rotina. Eu entrava, sentava, suportava um rápido aperto de torniquete até que uma veia se tornasse disponível ou acessível, e depois uma picadinha única permitia encher os pequenos tubos e seringas.

Contudo, com o tempo, isso deixou de ser um dos pontos altos prazerosos do dia médico. O responsável pela flebotomia se sentava, tomava minha mão ou pulso em sua mão e suspirava. Os inchaços avermelhados e roxos já podiam ser vistos, dando ao braço uma aparência definitivamente "drogada". As próprias

veias estavam afundadas em seu leito, vazias ou esmagadas. Muito eventualmente eles cooperavam com uma estratégia que consistia em dar tapinhas lentos nelas com as pontas dos dedos, mas isso raramente produzia efeito. Ocorriam grandes inchaços, normalmente perto do cotovelo ou da articulação do pulso, ou em qualquer lugar onde pudessem causar mais mal.

Além disso, é preciso parar de fingir que a coisa era efetivamente indolor. Chega do papo confiante de "uma picadinha". E não dói *tanto* ter uma agulha enfiada uma segunda vez. Não, o que dói é ela ser movimentada para frente e para trás na esperança de que consiga penetrar devidamente na veia para liberar o fluido necessário. E quanto mais isso é feito, mais dói. Isso ilustra toda a questão em um microcosmo: a "batalha" contra o câncer reduzida a uma luta para conseguir algumas gotas de sangue de um grande mamífero quente que não consegue fornecê-las. Por favor, acreditem quando digo que a pessoa começa rapidamente a simpatizar com os técnicos da área. Eles se orgulham de seu trabalho e não gostam de causar "desconforto". De fato, eles regularmente, e com alívio, dão lugar a outro voluntário ou se submetem à experiência de outro profissional.

Mas o trabalho tem de ser feito, e é um desalento quando não pode ser completado. Recentemente fui agendado para a inserção de um cateter intravenoso no braço, a fim de eliminar a necessidade de invasões temporárias repetidamente. Os especialistas me disseram que é raro levar mais de dez minutos para ser concluído (o que havia sido minha própria experiência em visitas anteriores). Não se passou muito menos de duas horas até que, tendo tentado e fracassado com os dois braços, eu estava sentado entre dois protetores de colchão manchados de sangue seco ou em coagulação. O incômodo das enfermeiras era palpável. E estávamos longe de uma solução.

À medida que esse tipo de coisa se tornou mais comum, comecei a assumir o papel de animador. Quando a técnica se oferecia para parar, eu a estimulava a seguir em frente e garantia que ela tinha minha simpatia. Eu relatava o número de tentativas feitas na oportunidade anterior, para estimulá-la a se esforçar mais. Minha imagem pessoal era a do imigrante inglês destemido, erguendo-se acima da agonia de uma pequena agulha. O que não me mata, declarava, me fortalece... Acho que isso começou a murchar no dia em que eu

pedi para “seguir em frente” onze vezes, e estava secretamente esperando pela oportunidade de desistir e ir dormir. Então, de repente, o rosto preocupado do especialista se iluminou enquanto ele exclamava: “Bem, doze é o número da sorte”, e o tubo da vida começou a esvaziar a seringa. A partir desse momento, pareceu absurda a ideia de que esse blefe de minha parte estava me fortalecendo ou fazendo com que as outras pessoas trabalhassem com mais vigor ou alegria. Qualquer que seja seu ponto de vista sobre o resultado ser afetado pelo moral, parece certo que é preciso escapar do reino da ilusão antes de tudo.

Capítulo 7

Há poucas semanas, eu estava começando o dia preso à cama, num estado de impotência aguda e bastante dor. Deitado, incapaz de me mover, mas tenso por experiências anteriores, ouvi uma voz tranquilizadora dizendo: "Agora você talvez sinta uma pequena pontada". (Tenha a certeza: pacientes do sexo masculino esgotaram todas as possibilidades dessa piada ruim nos primeiros dias ouvindo isso.) E quase imediatamente fiquei confiante de uma forma diferente, pois aquela voz, aquela expressão e aquela pequena pontada significavam que a dor passaria, meus membros se esticariam e meu dia iria começar. E assim foi.

Mas e se, como certa vez pensei semiconscientemente quando deitado com incômodo similar, aquela voz amigável tivesse apenas um toque de provocação? E se estivesse dizendo da forma mais banal possível: "Isso não vai doer – *muito*"? Todo o equilíbrio de poder teria sido violentamente subvertido, me deixando indefeso e petrificado. Eu teria instantaneamente de pensar em quanto tempo poderia coexistir com tal ameaça. O intrincado trabalho do torturador teria começado.

Eu sublinho "intrincado" porque a tortura não é uma questão de simples dor e força bruta. Como descobri quando fui efetivamente vítima de tortura, é acima de tudo uma questão de ajuste sutil. "Como estamos *indo* hoje? Algum *desconforto*?". Isso se torna mais problemático pela tendência da medicina moderna de retomar a utilização de eufemismos em qualquer caso, sendo a educada opção pelo "desconforto" um dos maiores destaques. Outra avenida de eufemismos é aberta pela abordagem planejada e coordenada, de modo que você pode ouvir a pergunta: "Já se encontrou com nossa equipe de 'gestão da dor'?". Assim que você ouve isso da forma errada, pode parecer um eco da prática do torturador de mostrar à vítima os instrumentos que serão usados nela, ou descrever a gama de técnicas e deixar que essas ameaças façam a maior parte do trabalho. (Galileu Galilei teria sido exposto a isso enquanto passava

pela pressão gradual que acabou convencendo-o a se retratar.)

Eu me tornei vítima de tortura quando desejei que os leitores de *Vanity Fair* tivessem uma ideia do que estava envolvido na sórdida e obscura controvérsia sobre o *waterboarding*[8] ("afogamento simulado"). E a única forma que restava, ou que restava a experimentar, era me submeter ao "procedimento". Obviamente havia limites à autenticidade do que seria infligido – eu tinha de deter alguma espécie de "controle" das circunstâncias –, mas estava determinado a ir o mais longe possível para descobrir pelo que uma pessoa "afogada" realmente passa. Com a ajuda de antigos e sérios membros das Forças Especiais, que sabiam estar violando uma lei americana em solo americano, marquei um encontro nas montanhas da Carolina do Norte. Antes mesmo que pudéssemos começar, eu havia assinado um documento legal que os inocentava, caso eles me matassem por infligir trauma (na verdade, uma palavra mais forte) físico ou psicológico.

Talvez tenham lhe dito que o que acontece é uma "simulação" da sensação de afogamento. Errado. O que acontece é que você é lenta, mas inexoravelmente, afogado. E se em qualquer momento você conseguir escapar do gotejamento de água mortal, seu torturador saberá. Então, ele ou ela fará um ajuste pequeno, mas eficaz. Quando entrevistei meus torturadores depois, estava particularmente interessado nesse aspecto da questão. Ah, sim, disseram eles com algum orgulho, temos muitos pequenos movimentos, sacudidas e torções que farão o trabalho sem deixar nenhuma marca no corpo. Mais uma vez, você percebe esse orgulho da técnica e o tom quase humanista de expressão profissional. A linguagem dos torturadores...

A razão pela qual decidi escrever sobre isso no atual contexto vem a seguir. Desde que escrevi e publiquei o artigo original, que foi algum tempo antes de receber o diagnóstico de câncer de esôfago, sofri uma espécie de estresse pós-tortura que provavelmente ainda não foi classificado ou batizado. No meu caso, pelo menos, tem a ver com asfixia. A "aspiração" de umidade pode me deflagrar um surto de pânico, e se misturou aos sintomas maiores e mais mortais de minhas várias pneumonias. E todo dia sou obrigado a me preparar para ser alimentado por um tubo com um aparato de alimentação líquida, ou ser lavado em diferentes graus de imersão. Portanto, tenho muita sorte de nunca ter

ouvido o odioso sussurro do torturador ou me encolhido mediante a ideia de que estou a apenas uma torção distante do medo severo e da "aflição" (uma palavra bem alta na escala de eufemismos). Mas agora sei como o truque pode ser feito.

Passei por vários grandes hospitais americanos ao longo da minha experiência e pelo menos um deles é famoso por ser administrado por uma ordem religiosa histórica. Em cada um dos quartos desse hospital, não importa qual o seu ponto de vista deitado na cama, a principal visão é a de um grande crucifixo de metal preto cravado firmemente na parede. Eu não tinha nenhuma objeção especial quanto a isso em um determinado plano, porque aquilo não fazia muito mais do que repetir o nome do próprio hospital. (Tendo a não brigar com os capelães até ter algo pertinente a dizer. No Texas, por exemplo, em uma nova instalação especialmente projetada, que tinha torres de mais de duas dúzias de andares, eu os levei a concordar a princípio que era ligeiramente idiota não exibir um 13o andar, pulando do 12o para o 14o. Ninguém se hospedava lá para se queixar de medos cósmicos gerados por um número, nem iria sair por causa dele: por falar nisso, parecemos incapazes de descobrir como essa pequena superstição desagradável surgiu.)

Contudo, por acaso eu sabia que era uma prática, durante as guerras religiosas e as campanhas da inquisição, submeter o condenado a uma visão compulsória da cruz até a morte. Em algumas das pinturas fervorosas dos grandes autos de fé, não excluindo, acho, alguns dos queimados vivos captados por Goya na Plaza Mayor, vemos a chama e a fumaça se erguendo perto da vítima, e a própria cruz suspensa sinistramente diante de seus olhos fechados. Tenho de dizer que, mesmo que hoje seja levado a cabo de uma forma mais "paliativa", isso tem minha desaprovação, com base em suas associações sadomasoquistas pregressas. Há práticas médicas e hospitalares cotidianas banais que lembram às pessoas da tortura praticada pelo Estado. No meu caso, há práticas que não consigo separar do inferno de práticas anteriores. Mesmo a ideia de algumas aplicações malfeitas de água ou gás, com a intenção de hidratar e nebulizar, para combater problemas respiratórios, são mais que suficientes para me deixar gravemente doente. Quando comecei a pensar em um título para este livro, considerei anexar o verso "Obsceno como câncer", do

aterrorizante poema de Wilfred Owen sobre a morte na frente ocidental, "Dulce et Decorum Est". A ação descreve a reação de um grupo de britânicos retardatários exaustos, apanhados em campo aberto durante um ataque com gás para o qual estavam despreparados:

Gas! Gas*! Quick, boys! – An ecstasy of fumbling,*
Fitting the clumsy helmets just in time;
But someone still was yelling out and stumbling,
And flound'ring like a man in fire or lime...
Dim, through the misty panes and thick green light,
As under a green sea, I saw him drowning.

In all my dreams, before my helpless sight,
He plunges at me, guttering, choking, drowning.

If in some smothering dreams you too could pace
Behind the wagon that we flung him in,
And watch the white eyes writhing in his face,
His hanging face, like a devil's sick of sin;
If you could hear, at every jolt, the blood
Come gargling from the froth-corrupted lungs,
Obscene as cancer, bitter as the cud
Of vile incurable sores on innocent tongues, –
My friend, you would not tell with such high zest
To children ardent for some desperate glory,
The old Lie: Dulce et decorum est
Pro patria mori.

(Gás! Gás*! Rápido, rapazes! – Um êxtase de atropelo,*
Ajustando os capacetes desajeitados bem a tempo;
Mas alguém continua a gritar e tropeçar,
Estabanado como um homem em fogo ou cal...
Escuro, através do vidro enevoado e a luz verde densa,

Como sob um mar verde, eu o vi se afogando.

Em todos os meus sonhos, sob minha vista impotente,
Ele se lança sobre mim, dissolvendo, engasgando, afogando.

Se em algum sonho sufocado também você caminhasse
Atrás da carroça na qual o lançamos,
E visse os olhos brancos revolvendo em seu rosto,
Seu rosto tombado, como o de um demônio doente de pecados;
Se pudesse ouvir, a cada esgar, o sangue
Gargarejar nos pulmões corrompidos pela baba espumosa,
Obsceno como câncer, amargo como a massa regurgitada
De vis feridas incuráveis em línguas inocentes –
Meu amigo, você não contaria com tal prazer
A crianças ardentes de alguma glória desesperada,
A velha Mentira: Dulce et decorum est
Pro patria mori.)

Quando também sou, às vezes, obrigado a uma consciência prematura pela sensação de sufocamento ou engasgo em pesadelo, me dou conta de como é essencial que as fronteiras da medicina sejam tão rígidas e escrupulosamente patrulhadas. Gosto de que na própria profissão não haja nenhuma concessão a qualquer relaxamento em termos de padrão. Os gestores daquele famoso hospital deviam se envergonhar do papel histórico desempenhado por sua ordem na chocante legalização e aplicação da tortura, e eu tenho o direito, se não o dever, de igualmente me envergonhar da política oficial de tortura adotada por um governo cujos documentos de cidadania apenas recentemente obtive.

Capítulo 8

Nota do editor: estes fragmentos foram deixados incompletos quando da morte do autor.

"Lembre-se, você também é mortal" – me atingiu no auge de minha forma, e exatamente quando as coisas estavam começando a se estabilizar. Meus dois bens, a caneta e a voz – e tinha de ser o esôfago. O tempo todo, enquanto queimava a vela nas duas extremidades, eu estivera "rumando para a arena dos doentes", e agora "um pequeno tumor vulgar" era evidente. Esse alienígena não pode querer qualquer coisa; se me mata, ele morre, mas parece muito obstinado e convicto de seu propósito. Mas não há nenhuma ironia nisso. Preciso tomar enorme cuidado para não ter autopiedade ou ser autocentrado.

Sempre me orgulhei de minha capacidade de raciocínio e de meu estoico materialismo. Eu não *tenho* um corpo, eu *sou* um corpo. Mas consciente e regularmente agi como se isso não fosse verdade, ou se como fosse possível abrir uma exceção no meu caso. Está se sentindo rouco e cansado durante a turnê? Procure o médico quando terminar!

Perdi sete quilos sem querer. Finalmente magro. Mas não me sinto mais leve, porque caminhar até a geladeira é como uma marcha forçada. E as selvagens pústulas de psoríase/eczema que nenhum médico conseguiu tratar também sumiram. Deve ser uma toxina impressionante a que estou tomando. E uma misericórdia para o caso do sono... Mas todos os remédios para dormir e os cochilos extáticos de algum modo parecem desperdício de vida – o futuro me reserva muito tempo para a inconsciência.

Os homens agradáveis com o oxigênio e a maca e a ambulância, muito gentilmente me deportando para além da fronteira do bem, para outro país.

O alienígena estava se enterrando em mim enquanto eu escrevia as alegres palavras sobre minha própria morte prematuramente anunciada.

Agora há tantos tributos que parece que os boatos sobre minha vida foram muito exagerados. Vivi para ver a maior parte do que será escrito sobre mim: isso é fascinante, mas dá pouco retorno quando me dou conta de que isso será "histórico".

Julian Barnes sobre John Diamond…

About de souffle… Seberg/Belmondo.[9] Engraçado como alguém pode usar "sem fôlego" tão relaxadamente. No [aeroporto] Logan – não consigo respirar! Próxima parada terminal.

Tragédia? Palavra errada: Hegel *versus* os gregos.

Manhã de biópsia, acordo e digo que, independentemente do que aconteça, este é o último dia da minha antiga vida. Mais nenhum fingimento de juventude ou jovialidade. A partir de agora, uma árdua consciência.

Cartum da New Yorker nas páginas de obituário... Costumava prestar atenção nas datas de morte de Orwell, Wilde etc. Agora, talvez, tanto quanto Evelyn Waugh.

Impressionante como coração, pulmões e fígado resistiram: eu teria sido mais saudável se fosse mais doentio.

prece: contradições interessantes à custa daqueles que a oferecem – uma escotilha de fuga pascaliana fácil demais, desta vez comigo do lado certo da aposta: qual deus poderia ignorar tais súplicas? Da mesma forma, aqueles que dizem que venho sendo punido estão dizendo que deus não consegue pensar

em nada mais vingativo do que câncer para um grande fumante.

Pelos do nariz desaparecidos: narinas escorrendo. Constipação e diarreia se alternando.

"A velha ordem muda, dando lugar à nova, e Deus se realiza de muitas formas, e logo, suponho, serei varrido por algum pequeno tumor vulgar..."[10]

Há alguns anos, um jornalista britânico, John Diamond, recebeu um diagnóstico de câncer, e transformou seu quadro numa coluna semanal. Corretamente, ele manteve o mesmo tom confiante que caracterizara o restante de seu trabalho; corretamente, admitiu covardia e pânico junto com curiosidade e coragem ocasional. Seu relato soou autêntico: era o que significava viver com câncer; ficar doente não o transformava em uma pessoa diferente ou o impedia de ter brigas com a esposa. Como muitos outros leitores, eu costumava estimulá-lo silenciosamente a cada semana. Mas depois de pouco mais de um ano... bem, certa expectativa narrativa se acumulara. Ei, cura milagrosa! Ei, eu estava apenas brincando! Não, nada disso funcionaria como final. Diamond tinha de morrer; e ele devidamente, corretamente (em termos narrativos), o fez. Mas – como dizer isso? – um crítico literário exigente poderia se queixar de que sua história careceu de concisão no final...

Tendência à comiseração parecer, não intencionalmente, final, seja pelo uso dos verbos no pretérito ou algum outro tipo de despedida. Mandar flores não é tão legal quanto pode parecer.

Não estou lutando ou batalhando contra o câncer – ele está lutando contra mim.

Corajoso? Tá! Guarde isso para uma luta da qual você não pode fugir.

Saul Bellow: A morte é o fundo escuro de que o espelho precisa para podermos ver algo.

Sensação vertiginosa de estar sendo arremessado para a frente no tempo: catapultado na direção da linha de chegada. Tentando não pensar com meu tumor, o que seria absolutamente não pensar. As pessoas tentam fazer parecer como se fosse um episódio na vida de alguém.

Oncologia/ontologia: sob a antiga organização religiosa, o céu iria apenas sentenciá-lo a ser gloriosamente torturado e *depois* executado. Montaigne: "A base mais sólida da religião é o desprezo pela vida".

O medo leva à superstição – mas, misericordiosamente, "O grande C" parece ter sido abandonado –, e estou contente por ninguém querer matar alguma espécie ameaçada por mim.

Somente está ok se eu disser algo objetivo e estoico: Ian observa que poderá chegar o momento em que terei de desistir; Carol pergunta sobre o casamento de Rebecca: "Você tem medo de não ver a Inglaterra outra vez?".

Expressões comuns como "data de validade"... será que sobreviverei ao meu Amex? À minha carteira de motorista? As pessoas dizem: "Estarei na cidade na sexta-feira, vai estar por aí?". que pergunta!

Pés frios (por enquanto, só à noite): "neuropatia periférica" é outra daquelas expressões como "necrosado", que descrevem a morte em vida do sistema.

E você perde peso, mas o câncer não está interessado em comer sua gordura. Ele quer seus músculos. A Dieta de Tumorlândia não ajuda muito.

O pior de tudo é o "quimiocérebro". Embotado, amortecido. Como se a tortura gloriosa postergada fosse apenas o prelúdio de uma execução horrenda.

Corpo passa de amigo confiável a algo neutro e, depois, inimigo traiçoeiro... Proust?

Se eu me converter é porque é melhor que morra um crente do que um ateu.

Nem mesmo uma corrida pela cura...

Burocracia, a maldição de Tumorlândia.

A infelicidade de se ver em velhos vídeos ou no YouTube...

"Transparência gradual" ainda não é um problema para mim.

O livro de Michael Korda *De homem para homem*...

Você pode ficar tão acostumado com más notícias que boas notícias são como Breytenbach e o bolo.[11] É um consolo dizer, bem, pelo menos agora não terei de fazer aquilo.

O bom [Philip] Larkin sobre o medo no poema "Aubade", com censura implícita a Hume e Lucrécio por seu estoicismo. Bastante justo em um sentido: ateus não deveriam oferecer consolo.

Banalidade do câncer. Toda a praga dos efeitos colaterais. Especial do dia.

Ver poema de [Wislawa] Szymborska sobre tortura e o corpo como reservatório de dor.

Do intrincado romance de Alan Lightman de 1993, *Sonhos de Einstein*; ambientado em Berna em 1905:

With infinite life comes an infinite list of relatives. Grandparents never die, nor do great-grandparents, great aunts... and so on, back through the generations, all alive and offering advice. Sons never escape from the shadows of their fathers. Nor do daughters of their mothers. No one ever comes into his own... Such is the cost of immortality. No person is whole. No person is free.

(Com a vida infinita vem uma lista infinita de parentes. Avós nunca morrem, nem bisavós, tias-avós... e assim por diante, remontando gerações, todos vivos e dando conselhos. Os filhos nunca escapam das sombras dos pais. Nem as filhas de suas mães. Ninguém nunca fica por conta própria… *Esse é o custo da imortalidade. Nenhuma pessoa é completa. Nenhuma pessoa é livre.)*

Posfácio de Carol Blue

No palco, meu marido era um espetáculo impossível de acompanhar.

Se você um dia o viu no palanque, pode não concordar com a avaliação de Richard Dawkins de que "foi o maior orador de nossa época", mas saberá o que quero dizer – ou pelo menos não pensará: *Ela diz isso porque é mulher dele*.

Fora do palco, meu marido era um espetáculo impossível de acompanhar.

Em casa, nos jantares ruidosos, alegres e improvisados de oito horas que frequentemente nos víamos oferecendo, quando a mesa estava tão abarrotada de embaixadores, jornalistas, dissidentes políticos, universitários e crianças que os cotovelos esbarravam e era difícil encontrar um espaço para pousar a taça de vinho, meu marido se levantava para fazer um brinde que podia durar animados, encantados e histericamente engraçados vinte minutos de poesia, recitação humorística, apelo às armas por uma causa e piadas. "Como é bom sermos nós", ele dizia com sua voz perfeita.

Meu marido era um espetáculo impossível de acompanhar.

Ainda assim, agora eu preciso acompanhá-lo. Fui obrigada a ter a última palavra.

Era o tipo de noite de começo de verão em Nova York em que você só pensa em viver. Era 8 de junho de 2010, para ser exata, o primeiro dia de sua turnê literária americana. Corri o mais rápido que pude pela East 93rd Street, tomada de alegria e excitação ao vê-lo em seu terno branco. Ele estava impressionante. Também estava morrendo, embora ainda não soubéssemos. E não teríamos certeza disso até o dia de sua morte.

Mais cedo, naquele dia, ele havia se desviado do lançamento do livro para um hospital porque cismou que estava tendo um ataque cardíaco. Quando o vi em pé na entrada dos artistas do 92nd Street Y naquela noite, ele e eu – e apenas nós – sabíamos que ele poderia ter câncer. Nós nos abraçamos em uma sombra que somente nós víamos e escolhemos desafiar. Estávamos eufóricos.

Ele me levantou, e rimos.

Entramos no teatro, onde ele conquistou outra plateia. Conseguimos enfrentar um jantar festivo em sua homenagem e caminhamos de volta ao nosso hotel pela noite perfeita de Manhattan, andando mais de cinquenta quarteirões. Tudo era como devia ser, com exceção de que não era. Estávamos vivendo em dois mundos. O velho, que nunca parecera mais belo, ainda não havia desaparecido; e o novo, sobre o qual sabíamos pouco, a não ser que devíamos temer, ainda não havia chegado.

O novo mundo durou dezenove meses. Durante esse tempo do que chamou de "viver moribundo", ele insistiu ferozmente em viver, e sua constituição física e filosófica fez tudo o que podia para permanecer viva.

Christopher pretendia estar entre os 5% a 20% daqueles que podem ser curados (as chances dependiam de com qual médico falávamos e como eles interpretavam as imagens). Sem nunca se enganar sobre seu quadro médico, e sem nunca permitir que eu acalentasse ilusões sobre suas perspectivas de sobrevivência, ele reagiu a cada fragmento de boas-novas clínicas e estatísticas com uma esperança radical, infantil. Sua disposição de manter intacta sua existência, de permanecer engajado com sua intensidade sobrenatural, era espetacular.

O dia de Ação de Graças era seu feriado preferido, e acompanhei com assombro enquanto ele organizava, mesmo nauseado pelo efeito da quimioterapia, uma grandiosa reunião familiar em Toronto com todos os seus filhos e seu sogro, na véspera de um importante debate sobre religião com Tony Blair. Foi uma ocasião orquestrada por um homem que me disse na suíte do hotel, naquela noite, que provavelmente aquele seria seu último dia de Ação de Graças.

Pouco antes, de volta a Washington, numa brilhante e agradável tarde de final de outono, ele convocou, excitado, a família e os amigos em visita para um passeio até o Museu de História Natural, para uma exposição sobre as origens do homem, ocasião em que o vi sair correndo de um táxi e subir os degraus de granito para vomitar numa lata de lixo, antes de guiar o grupo pelas galerias e nos impressionar de forma exuberante com os feitos da ciência e da razão.

O carisma de Christopher nunca o abandonou, em nenhum âmbito: não

em público, não em particular, nem mesmo no hospital. Ele fez disso uma festa, transformando o quarto estéril, gelado, com luzes frias zumbindo, apitando e piscando, num estúdio e salão. Sua conversa refinada nunca parou.

As interrupções constantes – picadas e furos, coleta de amostras, tratamentos respiratórios, trocas de bolsas de fluidos – nada o impedia de receber pessoas, apresentar uma tese, discutir ou oferecer uma tirada a seus "convidados". Ele escutava e nos estimulava, e nos fazia rir. Estava sempre pedindo e comentando outro jornal, outra revista, outro romance, outra resenha. Ficávamos ao redor de sua cama e nos apoiávamos em cadeiras com revestimento plástico enquanto ele nos levava a participar de seus discursos socráticos.

Certa noite tossiu sangue e foi levado à uti para uma broncoscopia de emergência. Eu alternei entre tomar conta dele e dormir numa cama de armar. Deitamos lado a lado em nossas camas de solteiro. Em dado momento, ambos acordamos e começamos a tagarelar como crianças dormindo na casa do amigo. Na época, isso era o melhor possível.

Quando voltou da broncoscopia, depois de o médico ter dito que o problema na traqueia não era câncer, mas pneumonia, ele, ainda entubado, fez anotações e rabiscou perguntas sobre todos os assuntos possíveis. Guardei as folhas de papel nas quais ele registrou seu lado da conversa. Há palavras carinhosas, um desenho que fez no alto da primeira página, e depois:

Pneumonia? Que tipo?

Estou livre do câncer?

É difícil me lembrar de dor; neste momento, de 4 a 5.

Ele perguntou sobre os filhos e sobre meu pai.

Como está Edwin? Diga que perguntei.

Estou preocupado com ele.

Porque o amo.

Quero saber dele.

Um pouco mais abaixo na página, escreveu o que queria que pegasse para ele em nossa casa de hóspedes em Houston:

Livros de Nietzsche, Mencken e Chesterton. Mais pedaços de papel... Talvez em uma bolsa. Olhe nas gavetas! Do lado da cama etc. No andar de cima e no de

baixo.

Naquela noite, um querido amigo da família chegou de Nova York e estava no quarto quando, num de seus interlúdios noturnos de vigília e energia, Christopher abriu um grande sorriso ao redor do tubo que ainda descia pela garganta e escreveu na prancheta:

Vou ficar aqui [em Houston] até estar curado. Depois levarei nossas famílias de férias para Bermudas.

Na manhã seguinte, depois que tiraram o tubo, entrei no quarto e o encontrei dando seu sorriso de raposa para mim.

"Feliz aniversário!", ele gritou.

Uma enfermeira entrou com um pequeno bolo branco, pratos de papel e garfos de plástico.

Outro aniversário de casamento: estamos lendo o jornal na varanda de nossa suíte num hotel de Nova York. É um dia impecável de outono. Nossa filha de dois anos está sentada contente ao nosso lado, bebendo de uma garrafa. Ela desce da cadeira e se agacha, examinando algo no chão. Tira a garrafa da boca, me chama e aponta para um grande abelhão imóvel. Está assustada, balançando a cabeça para frente e para trás como que dizendo: "Não, não, não!".

"A abelha parou", diz. Então, dá uma ordem: "Faz ela começar".

Na época, ela acreditava que eu tinha o poder de reanimar os mortos. Não me lembro do que disse a ela sobre a abelha. Só me lembro das palavras "Faz ela começar". Christopher, então, a pegou no colo para consolá-la e distraí-la com uma mudança de assunto e de humor. Assim como faria com todos os filhos, tantos anos depois, quando ficou doente.

Sinto falta de sua voz perfeita. Eu a ouvi dia e noite, noite e dia. Sinto falta dos seus trinados alegres quando acordava; as oitavas graves de "sua voz matinal" lendo para mim trechos do jornal que o ofendiam ou divertiam; os registros encantados e irritados (principalmente irritados) quando eu o interrompia no momento da leitura; os *riffs* jazzísticos dele falando para uma emissora de rádio pelo telefone da cozinha, enquanto preparava o almoço; sua saudação aguda em trinado quando nossa filha voltava da escola; e suas últimas falas calmantes em

pianíssimo ao se recolher tarde da noite.

Sinto falta, como seus leitores devem sentir, de sua voz de escritor, sua voz na página. Sinto falta do Hitch não publicado: os inúmeros bilhetes que ele deixou para mim na entrada de casa, no meu travesseiro, os e-mails que enviava enquanto estávamos em aposentos diferentes de nosso apartamento, ou em nossa casa na Califórnia, e os e-mails enviados quando viajava. E sinto falta de seus informes manuscritos: as inúmeras cartas e os cartões-postais (somos da era epistolar), e seus faxes, a emoção de receber os despachos instantâneos de Christopher enquanto ele dava notícias de um lugar perigoso em outro continente.

Ele estava inseguro quando pela primeira vez tornou público e escreveu sobre sua doença para a *Vanity Fair*. Pretendia proteger a privacidade de nossa família. Estava vivendo o assunto e não queria que se tornasse o único, não queria ser definido por ele. Queria pensar e escrever em uma esfera distinta da doença. Ele fizera um pacto com seu editor e parceiro Graydon Carter de que escreveria sobre qualquer coisa menos esportes e manteve a promessa. Com frequência ele se incluía nos textos, mas naquele momento ele era o próprio tema das matérias.

Suas últimas palavras nas anotações fragmentárias inconclusas no final deste livrinho podem parecer moribundas, mas foram escritas em seu computador em surtos de energia e entusiasmo, na cama do hospital, usando a mesinha de refeições como escrivaninha.

Quando foi internado pela última vez, achamos que seria uma estadia breve. Ele pensou – todos pensamos – que ele teria a oportunidade de escrever seu livro mais longo, que vinha ganhando forma em sua cabeça. Sua curiosidade intelectual havia sido despertada pelo estudo do genoma e pelos novíssimos tratamentos de radiação de prótons a que se submeteu, e ele se sentia estimulado pela perspectiva de que seu caso pudesse contribuir para futuras descobertas médicas. Disse a um amigo editor que esperava um artigo seu: "Desculpe o atraso, voltarei para casa logo". Ele me disse que mal podia esperar para assistir a todos os filmes que havia perdido e ver a exposição do rei Tut em Houston, nossa residência temporária.

O fim foi inesperado.

Em casa, em Washington, eu tiro livros das estantes, das torres de livros no chão, das pilhas de volumes nas mesas. No interior das contracapas bilhetes com a letra dele, a mesma letra que ele escrevia resenhas e notas para si mesmo. Pilhas de seus papéis e bilhetes estão sobre superfícies por todo o apartamento, alguns dos quais tirados da maleta que trouxe de volta de Houston. A qualquer momento posso examinar nossa biblioteca ou suas anotações e redescobri-lo e recuperá-lo.

Quando o faço, o ouço, e ele tem a última palavra. Todas as vezes Christopher tem a última palavra.

Junho de 2012
Washington

Sobre o autor

Christopher Hitchens nasceu em 13 de abril de 1949 na Inglaterra e se formou no Balliol College da Universidade de Oxford. Pai de três filhos, foi autor de mais de vinte livros e livretos, incluindo coletâneas de ensaios, críticas e reportagens. Finalista do National Book Award de 2007, seu livro *Deus não é grande: como a religião envenena tudo* obteve sucesso internacional de vendas. Outro best-seller, o memorialístico *Hitch-22*, foi finalista do National Book Critics Circle Award de 2010. Sua antologia de ensaios selecionados, *Arguably*, de 2011, figurou na lista dos dez melhores livros do ano elaborada pelo *New York Times*. Professor visitante de estudos liberais da New School de Nova York, ele lecionou na faculdade de jornalismo da Universidade da Califórnia, em Berkeley. Foi colunista, crítico literário e editor contribuinte de *Vanity Fair*, *Atlantic*, *Slate*, *Times Literary Supplement*, *Nation*, *New Statesman*, *World Affairs* e *Free Inquiry*, entre outras publicações. Morreu em Houston em 15 de dezembro de 2011.

[1] O trocadilho original "*tissue is the issue*" vem do ditado médico "*When tumor is the rumor, tissue is the issue before cancer is the answer*" [Quando o tumor é um rumor, tecido é a questão antes que a resposta seja câncer]. (N. E.)
[2] "*Don't ask, don't tell*" é a expressão pela qual ficou conhecida a antiga política de restrição do Exército dos Estados Unidos, que coibia a declaração ou o questionamento da homossexualidade ou da bissexualidade por parte de seus integrantes e de candidatos que quisessem ingressar em seus quadros. (N. E.)
[3] "*Other than that, Mrs. Lincoln, how was the play?*" é uma expressão sarcástica aplicada no sentido de minimizar o infortúnio ou a desgraça alheia. Faz referência ao assassinato do presidente norte-americano Abraham Lincoln (1809-1865), enquanto assistia a uma peça no Ford's Theatre, em Washington. (N. E.)
[4] Dale Carnegie (1888-1955) foi um orador e escritor norte-americano, autor do clássico de autoajuda *Como fazer amigos e influenciar pessoas*, entre outros best-sellers. (N. E.)
[5] Anedota conhecida nos Estados Unidos: de tão valoroso e querido pela família, o leitão, em vez de ser abatido, é mutilado aos poucos – a começar pelo pernil, substituído por uma improvisada perna de pau. (N. E.)
[6] Charles-Michel de l'Épée (1712-1789) foi um religioso francês considerado pioneiro na decodificação da linguagem e na educação para surdos. (N. E.)
[7] Morte, juízo, céu e inferno, segundo a tradição católica. (N. E.)
[8] Técnica de tortura em que a vítima, imobilizada, deitada de costas e com a cabeça inclinada para trás, tem água gradativamente lançada na face e nas vias respiratórias. (N. E.)
[9] Referência a *Acossado*, título dado no Brasil ao clássico francês da *nouvelle vague* dirigido por Jean-Luc Godard e protagonizado por Jean Seberg e Jean-Paul Belmondo. (N. E.)
[10] Trecho do roteiro do filme *Os desajustados* (*Whitnail and I*), dirigido e escrito pelo cineasta inglês Bruce Robinson. (N. E.)
[11] Breyten Breytenbach (1939–), pintor e escritor sul-africano, foi opositor do *apartheid* e esteve preso na África do Sul de 1975 a 1982. Depois de cumprir pena, radicou-se em Paris, de onde militou pela libertação do líder político Nelson Mandela e pelo fim do regime sul-africano de segregação racial. Em 1988, por ocasião do aniversário de setenta anos de Mandela, discursou diante da Catedral de Notre-Dame numa grande manifestação, em que se sopraram setenta velas de um bolo gigante. (N. E.)